COMO ELAS AMAM

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição, no prelo
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) – 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição, no prelo.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) – 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) – 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 2.ª edição.
1023 (1914) – 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

COMO ELAS AMAM

TERCEIRA EDIÇÃO

13.º MILHAR

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

NOITE DE NÚPCIAS

NOITE DE NÚPCIAS

No dia do casamento de M.elle Lili. *O quarto de solteira, inglês, sêda verde-malva, lacas brancas.* Lili, *de noiva, põe ao espelho as únicas jóias que leva: duas pérolas nas orelhas. É uma rapariga de dezoito anos, engraçada, viva, um pouco masculina, uma pele admirável como um esmalte côr-de-rosa, um pequenino nariz autoritário, quási loira, quási infantil, quási bonita. A* Mãe, *calçando as luvas, assentada num "couch-corner", segue-lhe os movimentos, com os olhos vermelhos de chorar.*

A Mãe — Lili...

Lili — Mamã.

A Mãe — Precisamos de ter uma grande conversa, as duas.

Lili — Pois sim, mamã.

A Mãe — Quero que me oiças, muito a sério, antes de irmos para a igreja.

Lili — A carruagem já aí está, mamã.

A Mãe — Falta meia hora. Temos tempo.

Lili — Ficam-me bem as suas pérolas?

A Mãe — Estás um amor!

LILI — Pareço-me consigo...

Beijam-se. LILI *assenta-se no "couch-corner„, junto da* MÃE. *Um silêncio.*

A MÃE — Lili...

LILI — Mamã.

A MÃE — Quero repetir-te o que a tua avó me disse, no dia em que eu me casei.

LILI — Há dezoito anos?

A MÃE — Há dezanove.

LILI — E a mamã lembra-se ainda?

A MÃE — O que as mães nos dizem nunca se esquece. Verás como te lembras, Lili, quando tiveres uma filha...

LILI — Não tenho, mamã.

A MÃE — Não tens?

LILI — Não.

A MÃE — Porquê?

LILI — Já disse ao António que não queria.

A MÃE — Isso não depende de nós, meu amor. Hás de tê-la, se Nossa Senhora se lembrar de ti.

LILI — Deus queira que se esqueça.

A MÃE — É o nosso dever de espôsas. Foi para isso que eu me casei. É para isso que tu te casas.

LILI — É para isso que eu me caso?

A MÃE — Pois é.

LILI — Nunca ninguém me tinha dito nada.

A Mãe — Digo-to eu agora, minha filha. Ontem eras ainda uma criança; àmanhã serás já uma mulher.

Lili — E hoje, que sou eu, mamã?

A Mãe — Uma noiva.

Lili — Que diferença faz?

A Mãe, *embaraçada* — Pouca.

Lili — A avó não lhe disse?

A Mãe — Não. São coisas que a inocência não entende, minha filha.

Lili — A mamã entendeu?

A Mãe — E tu hás de entender também, quando o teu marido te disser, ao ouvido, um segrêdo que nunca mais se esquece...

Lili — Êle não diz senão tolices!

A Mãe — São essas tolices que fazem a nossa felicidade, minha querida Lili. *(Tomando-lhe as mãos)* Ouve...

Lili — Já é tão tarde, mamã!

A Mãe — Quero pedir-te que sejas muito obediente ao teu marido. Sempre, — ouviste, minha filha? Mas, sobretudo, hoje...

Lili — Porque há de ser hoje?

A Mãe — Porque é o primeiro dia.

Lili — E êle, não tem obrigação de me obedecer a mim?

A Mãe — Não é costume.

Lili — Direitos iguais. A mamã bem sabe que sou eu que mando nêle.

A Mãe — Porque êle é muito bem educado, muito condescendente, muito teu amigo...

Lili — Muito condescendente, não.

A Mãe — Porquê?

Lili — Porque não é.

A Mãe — Isso não é razão.

Lili — Porque me leva para uma casa de que eu não gosto.

A Mãe — Tu não gostas da casa do Estoril?

Lili — Não.

A Mãe — Porque estás longe da tua mãe?

Lili — Não é por isso.

A Mãe — Então porque é?

Lili — Porque eu queria dois quartos de cama, e êle quis só um.

A Mãe — O quarto que tu querias, Lili, não tem sol.

Lili — O quarto que não tem sol era para êle.

A Mãe — Fazia-lhe mal ao reumatismo.

Lili — Reumatismo, aos trinta anos! Quem tem reumatismo não se casa.

A Mãe — Eu e teu pai também temos só um quarto de cama.

Lili — Mas com dois leitos. E êle quis cama de casados.

A Mãe — É uma tradição de família. É preciso respeitá-la, minha filha.

Lili — A mamã bem sabe que eu não estou costumada a dormir com homem nenhum.

A Mãe — Tens uma maneira de dizer as coisas, Lili! Teu marido não é qualquer homem.

Lili — Não estou à vontade. Pronto.

A Mãe — É preciso ser razoável, minha filha. Tu és mulher dêle.

Lili — Sou mulher dêle quando estiver acordada. Quando dormir, não sou. Está decidido. O António já sabe.

A Mãe — Tu já lho disseste?

Lili — Já.

A Mãe — E êle?

Lili — Disse que eu havia de mudar de opinião.

A Mãe — Também me parece.

Lili — Porque é que a mamã se ri?

A Mãe — És uma criança, minha filha!

Lili — Mas eu não me importo. Já resolvi o que hei de fazer.

A Mãe — Então o que é?

Lili — É segrêdo.

A Mãe — Tens segredos para mim?

Lili — Que foi que lhe disse a avó, há dezanove anos?

A Mãe — Queres saber?

Lili — Quero.

A Mãe — Disse-me que tôda a nossa felicidade na vida, minha filha, dependia da nossa primeira noite de casadas . . .

Lili, *pensativa* — E a mamã que fêz para ser feliz?

A Mãe — Obedeci.

O Pai, *assomando à porta* — Então, não se aviam? Está a carruagem à espera...

A Mãe — Vamos.

No dia seguinte, no Estoril, às 11 horas da manhã. Madame Lili *está já no jardim, fresca, rosada, contente, apanhando flores. A* Mãe, *que acaba de chegar, cai-lhe nos braços.*

A Mãe — Lili!

Lili — Mamã!

A Mãe — Então, minha filha, como foi a tua noite?

Lili — Óptima, mamã. Tantos mistérios, e afinal não tem nada de extraordinário.

A Mãe — Dormiste bem?

Lili — Dum sono só.

A Mãe — Não estranhaste a cama?

Lili — Isso sim! A mamã tinha razão. A cama de casados é muito melhor.

A Mãe — ?

Lili — Podem estender-se os braços e as pernas à vontade...

A Mãe — E teu marido?

Lili — Não me incomodou nada.

A Mãe — Mas onde dormiu êle?

Lili — No chão.

AS PÉROLAS CÔR-DE-ROSA

AS PÉROLAS CÔR-DE-ROSA

Num joalheiro da moda. Grandes armários negros. Na penumbra lampejam pratas. Entra a VISCONDESSA *de * * *, trinta anos, magra, ágil, nervosa, um grande casaco de veludo preto, um "petit marquis„ branco na cabeça, um regalo de lontra nas mãos. O* JOALHEIRO, *loiro, calvo, distinto, um pequeno bigode côr de ferrugem cortado à americana, recebe-a curvado, os dedos cheios de jóias.*

O JOALHEIRO — Senhora Viscondessa . . .

VISCONDESSA — Está pronto o anel?

O JOALHEIRO — Ainda não, senhora Viscondessa.

VISCONDESSA — Não está pronto?

O JOALHEIRO — Foi preciso mexer na cravação, pôr as rosas que faltavam... Mas V. Ex.ª pode estar certa de que o tem depois de àmanhã.

VISCONDESSA — Sem falta? Faz-me impressão andar sem o anel.

O JOALHEIRO — Sem falta, senhora Viscondessa.

VISCONDESSA — Manda-o a minha casa?

O JOALHEIRO — Mando-o a casa de V. Ex.ª.

VISCONDESSA, *olhando em volta* — Tem muitas coisas bonitas?

O JOALHEIRO — Algumas coisas. Estão a vender-se muitas jóias em Lisboa.

VISCONDESSA — Para Espanha.

O JOALHEIRO — Para Espanha e para aqui. *(Abrindo um estôjo)* Aqui tem V. Ex.ª um *sautoir* muito original.

VISCONDESSA — Não gosto de pérolas.

O JOALHEIRO — V. Ex.ª não gosta de pérolas?

VISCONDESSA — Vêem-se pouco na minha pele.

O JOALHEIRO — Tem V. Ex.ª razão. Vêem-se pouco quando a pele é muito branca. Mas há pérolas e pérolas. *(Tirando outro estôjo das mãos de um caixeiro, que o escova)* Estou certo de que V. Ex.ª há de gostar destas.

VISCONDESSA — ?

O JOALHEIRO — Uns brincos. Veja V. Ex.ª. Duas grandes pérolas côr-de-rosa suspensas de dois lacinhos de brilhantes, Luís XVI.

VISCONDESSA — Bonitos.

O JOALHEIRO — É a jóia de mais gôsto que temos em casa. Uma jóia inglêsa. Elkington. Regent Street. Inconfundível. Não há outra assim em Lisboa. Veja V. Ex.ª a luz destas pérolas...

VISCONDESSA — São as maiores que tenho visto.

O JOALHEIRO — Agradam a V. Ex.ª?

VISCONDESSA — Muito. Talvez meu marido venha hoje escolher uma jóia para mim. É àmanhã o meu dia de anos. Se vier, lembre-lhe estes brincos...

O JOALHEIRO, *sorrindo* — Já estão vendidos.

VISCONDESSA — Já estão vendidos?

O JOALHEIRO — Desde esta manhã. — Os meus parabens a V. Ex.ª, senhora Viscondessa.

VISCONDESSA — Mas vendidos a quem?

O JOALHEIRO — Ao marido de V. Ex.ª.

VISCONDESSA — Ah! Tem graça!

O JOALHEIRO — Disse-me que lhos mandasse à tarde, ao Banco. Já estão pagos.

VISCONDESSA, *olhando, encantada* — Teve bom gôsto, meu marido. Devem ficar-me bem.

O JOALHEIRO — Parecem feitos para V. Ex.ª. — Gosta V. Ex.ª dêste estôjo ou prefere outra côr?

VISCONDESSA — É indiferente. — Não se esqueça do anel.

O JOALHEIRO, *acompanhando-a até ao automóvel* — Depois de àmanhã, senhora Viscondessa. Beijo as mãos de V. Ex.ª.

Em casa da Viscondessa de * * * *Cinco horas. Uma pequena sala, Império moderno, Jémont, branco e oiro. A* Viscondessa *está só. Chega* M.me Rendufe, *quarenta e cinco anos, loiro veneziano, beleza um pouco devastada, um grande "trotteur" irlandês, género Breton, uma pequenina "toque" azul, umas mãos translúcidas, nobres, inteligentes. Intimidade.* O Criado *traz a mesa do chá, e retira-se.*

M.me Rendufe — Como estás?

Viscondessa — Não passei bem.

M.me Rendufe — Teu marido?

Viscondessa — Saíu.

M.me Rendufe — Acho-te pálida...

Viscondessa — Dormi mal.

M.me Rendufe — Já te estranhei ontem. Que tens tu?

Viscondessa — Fiz trinta anos.

M.me Rendufe — Como eu me sentia feliz se fizesse trinta anos àmanhã!

Viscondessa — Só custa quando se tem vinte e nove.

M.me Rendufe — É a nossa melhor idade.

Viscondessa — Dizem os homens.

M.me Rendufe — E êles percebem muito mais de mulheres do que nós.

Viscondessa — Uma chícara de chá?

M.me Rendufe — Tomo sempre. *(Servem-se)* Já lêste a *Femme de Trente Ans?*

Viscondessa — Não gosto de Balzac.

M.^me^ RENDUFE — Olha para mim. Como tu tens os olhos pisados!

VISCONDESSA — É da luz.

M.^me^ RENDUFE — Vocês zangaram-se?

VISCONDESSA — Quem?

M.^me^ RENDUFE — Teu marido e tu.

VISCONDESSA — Não.

M.^me^ RENDUFE — As tuas mãos tremem. Estás fria de gêlo... Que tens?

VISCONDESSA — Preciso de conversar muito contigo.

M.^me^ RENDUFE — Então, sempre há alguma coisa.

VISCONDESSA, *comprimindo o botão da campaínha* — Há.

M.^me^ RENDUFE — Assustas-me.

VISCONDESSA, *ao* CRIADO, *que aparece* — Não recebo ninguém.

CRIADO — Sim, senhora Viscondessa.

M^me^ RENDUFE — Olha que a Gabriela vem aí. Encontrei-a.

VISCONDESSA — Disseste-lhe que eu estava em casa?

M.^me^ RENDUFE — Disse.

VISCONDESSA, *ao* CRIADO — Só a senhora Baronesa de S. Plácido. Mais ninguém.

CRIADO, *saindo* — Sim, senhora Viscondessa.

VISCONDESSA — Agora podemos conversar.

M.^me^ RENDUFE — De que se trata?

VISCONDESSA — De meu marido.

M.ME RENDUFE — *Cherchez l'homme !*

VISCONDESSA — Meu marido engana-me.

M.ME RENDUFE — Êles não fazem outra coisa, minha filha! Também o meu.

VISCONDESSA — Mas eu não tenho a tua filosofia.

M.ME RENDUFE — Pois é pena.

VISCONDESSA — Nem a tua idade.

M.ME RENDUFE — O ciúme tem sempre vinte anos. — Mas como soubeste tu que o teu marido te enganava?

VISCONDESSA — Por acaso.

M.ME RENDUFE — É por isso que eu embirro com o acaso. — E tens a certeza?

VISCONDESSA — Suspeito.

M.ME RENDUFE — Que te engana com quem?

VISCONDESSA — Não sei.

M.ME RENDUFE — Mas que indícios tens tu?

VISCONDESSA — Meu marido comprou ante-ontem uma jóia num joalheiro de Lisboa, e essa jóia não foi comprada para mim.

M.ME RENDUFE — Quem te diz que não foi comprada para ti?

VISCONDESSA — Se o fôsse, tinha-ma dado ontem, no dia dos meus anos. E não ma deu.

M.ME RENDUFE — Então que te deu êle?

VISCONDESSA — Dinheiro para uns vestidos e uns chapéus que mandei vir de Paris.

M.ME RENDUFE — Da Riboux?

VISCONDESSA — Do Léon.

M.ME RENDUFE — Eu, no teu caso, preferia os chapéus. — Que jóia era?

VISCONDESSA — Uns brincos.

M.ME RENDUFE — E tu tens a certeza de que êle os comprou?

VISCONDESSA — Tive-os na mão, em casa do joalheiro. Já estavam pagos.

M.ME RENDUFE — Talvez os comprasse para a mãe.

VISCONDESSA — Duas enormes pérolas côr-de-rosa para uma senhora viúva?

M.ME RENDUFE — Ou para qualquer afilhada.

VISCONDESSA — Não se dão a afilhadas brincos de quatro ou cinco contos. Nem êle tem nenhuma, que eu saiba.

M.ME RENDUFE — Talvez não os fôsse buscar.

VISCONDESSA — Mandaram-lhos ao Banco.

M.ME RENDUFE — Não os teria recebido a tempo.

VISCONDESSA — Recebeu-os.

M.ME RENDUFE — Como sabes tu?

VISCONDESSA — Pelo joalheiro. Acabo de falar-lhe ao telefone.

M.ME RENDUFE — O que disse êle?

VISCONDESSA — Imagina que tenho os brincos em meu poder.

M.me Rendufe — Decididamente, os homens são uns monstros!

Viscondessa, *limpando uma lágrima* — Uns monstros!

M.me Rendufe — Mas temos de os aceitar como êles são, porque não há outros. — Tu já disseste alguma coisa ao Jorge?

Viscondessa — Não.

M.me Rendufe — Conheces as jóias, se as vires?

Viscondessa — Perfeitamente.

M.me Rendufe — Então, não digas nada a teu marido.

Viscondessa — É o conselho que me dás?

M.me Rendufe — É. Não digas nada a teu marido, e repara para as orelhas das tuas amigas. Estas coisas acontecem sempre com as nossas amigas mais íntimas. Olha, nas minhas orelhas não estão . . .

Criado, *anunciando* — A senhora Baronesa de S. Plácido.

A Baronesa *entra. Parece um retrato de Chartran. E uma loira de olhos pretos, risonha, frívola, coleante, admirável.*

Baronesa — Como estás? Teu marido? Venho morta de sêde. Dá-me uma chícara de chá.

M.me Rendufe — Adeus, Gab.

Viscondessa — Já te esperava...

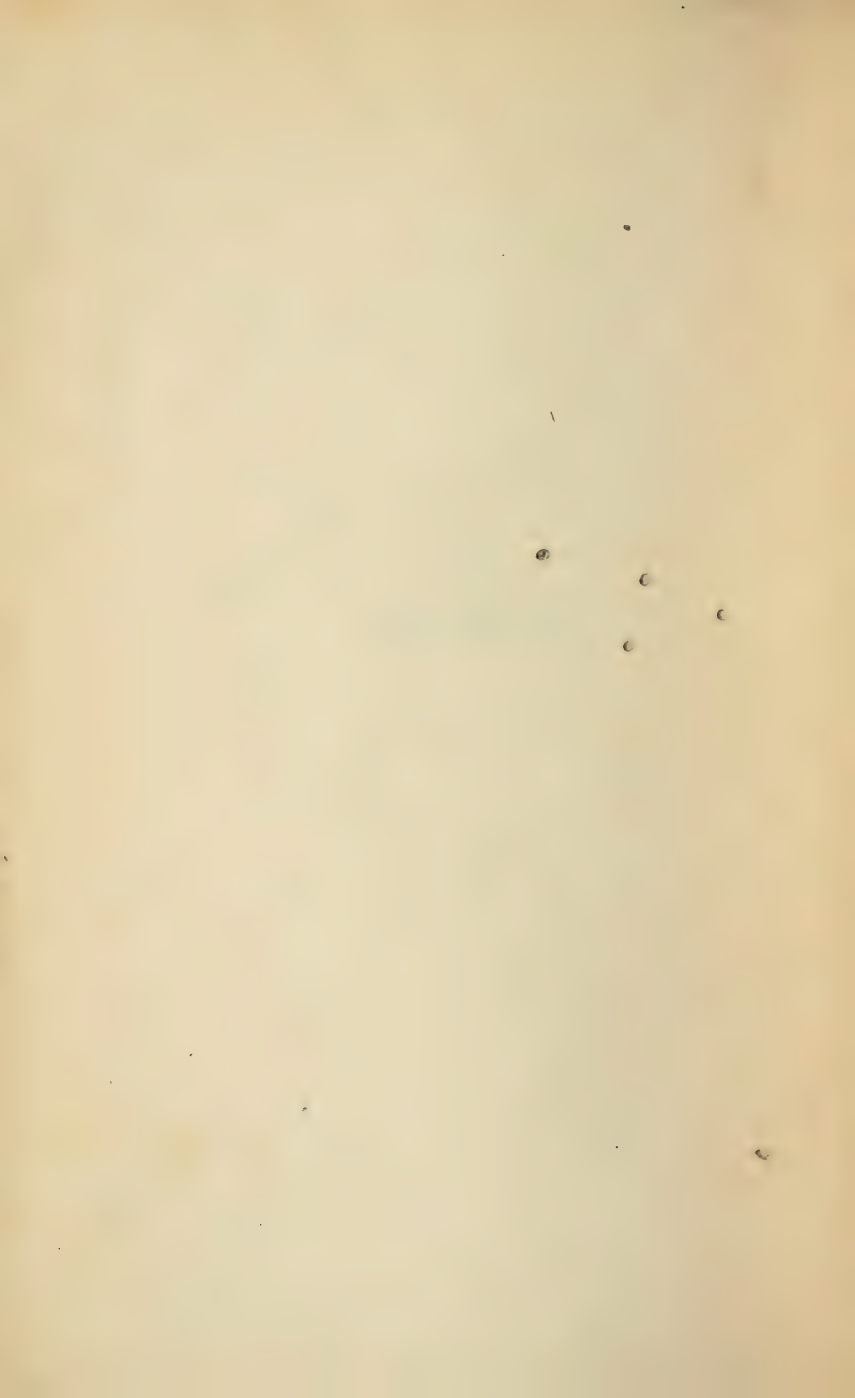
Beijam-se. Nas orelhas da Baronesa, *sôbre a pele vagamente doirada, duas grandes pérolas côr-de-rosa scintilam. A* Viscondessa *olha-as, vacila, empalidece, — mas domina-se e sorri.*

Baronesa — Estás a olhar para os meus brincos?

Viscondessa — Não tos conhecia.

Baronesa — Deram-mos ontem. Bonitos, não são? Uma jóia inglêsa. Elkington. Regent Street. Não há outros em Lisboa...

Continuam conversando.

LUA DE MEL

LUA DE MEL

Um quarto-de-vestir, em casa de dois noivos. ELA, *dezoito anos, loira, viva, duma beleza efémera de inglêsa, está sentada num sofá, um livro no regaço, um pequeno espêlho de prata na mão.* ÊLE, *trinta e cinco anos, alto, olhos pretos, cabelo a embranquecer nas fontes, entra de chapéu na cabeça, fraque, um pardessus no braço.*

ÊLE — As luvas amarelas?

ELA — Vais saír?

ÊLE — Vou.

ELA — Então tu deixas-me sòzinha?

ÊLE — Não me demoro.

ELA — Onde é que tu vais?

ÊLE — A casa do ministro da América.

ELA — Que é que tu vais fazer a casa do ministro da América?

ÊLE — Eu pergunto-te o que é que tu fazes em casa das tuas amigas?

ELA — É outra coisa.

ÊLE — É a mesma coisa. Dá cá as luvas.

ELA — Não sou tua criada.

ÊLE — Então, dize-me onde estão.

ELA — Para que queres tu as luvas?

ÊLE — Para as calçar, naturalmente.

ELA — Não precisas, que tu não sais.

ÊLE — Tenho que fazer.

ELA — Que é que tu tens que fazer?

ÊLE — As minhas obrigações.

ELA — A tua obrigação é estar ao pé de mim.

ÊLE, *curvando-se para a beijar* — Até já.

ELA, *tirando-lhe o chapéu da cabeça* — Não vais, que eu não te deixo saír.

ÊLE — Dá cá o chapéu.

ELA — Não se está de chapéu na cabeça diante duma senhora.

ÊLE — Tu não és uma senhora, tu és minha mulher.

ELA — Malcriado.

ÊLE — Só tu é que dizes isso.

ELA — Só és bem educado com as mulheres dos outros. — Quem vai hoje a casa do ministro da América?

ÊLE — Não sei.

ELA — Vai aquela rapariga belga, que tu achas bonita?

ÊLE — Já cá não está.

ELA — A pena com que tu dizes isso!

ÊLE — És doida!

ELA — Que horas são?

ÊLE — Nove e meia.

ELA — Fica mais um bocadinho ao pé de mim. Só meia hora. Até às dez.

ÊLE, *assentando-se* — Olha que é preciso muita paciência para te aturar!

ELA — Se ficas contrariado, vai-te embora.

ÊLE — Fico divertidíssimo. Sobretudo, se tu continuares a vêr-te ao espêlho.

ELA — Vejo-me ao espêlho porque me acho bonita. Pronto.

ÊLE — Também eu te acho bonita.

ELA — Mas não te importas comigo. E nunca me dás um beijo quando eu to peço.

ÊLE — Porque tu só m'os pedes quando eu t'os não posso dar.

ELA — Não podes, porquê?

ÊLE — Porque estamos diante de gente.

ELA — E isso que tem? Eu não sou casada contigo?

ÊLE — É ridículo, andar aos beijos pelos cantos.

ELA — Quando estávamos noivos, não fazias outra coisa.

ÊLE — Quando se é noivo faz-se muita tolice. A primeira que se faz é casar.

ELA — Se não estás contente, divorcia-te.

ÊLE — Estou contentíssimo.

ELA, *num acesso de ternura* — És um monstro, mas eu gosto muito de ti.

ÊLE — Olha que me enches de pó de arroz!

ELA — Que te importa? És meu.

ÊLE — Sou teu, mas não quero ir para a rua cheio de pó de arroz côr-de-rosa.

ELA — Ninguém tem nada com isso. Tu não és de mais ninguém.

ÊLE, *desprendendo-se-lhe dos braços* — Deixa-me acender o cigarro.

ELA, *tirando-lho da bôca* — Não quero que tu fumes. — Conversa comigo.

ÊLE — Então eu hei de fazer só o que tu queres?

ELA — Sabes quantos são hoje?

ÊLE — Não.

ELA — Pois olha, devias saber.

ÊLE — Eu nunca sei às quantas ando.

ELA — É porque não te importas comigo para nada.

ÊLE — Que tem uma coisa com a outra?

ELA — Tem muito. Faz hoje cento e trinta e dois dias que nós casámos.

ÊLE — E àmanhã faz cento e trinta e três. E depois de àmanhã, cento e trinta e quatro.

ELA — O desprendimento com que tu dizes isso!

ÊLE — Creio que tu não pensarás em festejar o nosso casamento todos os dias.

ELA — Penso, sim senhor.

ÊLE — Todos os dias?

ELA — Até te comprei hoje um presente.

ÊLE — Um presente?

ELA — Um presente para tu me dares.

ÊLE — Então, muito obrigado. És encantadora.

ELA — Sabes o que é?

ÊLE — Não.

ELA — Uma sombrinha de rendas. Alençon. *(Mostrando-lha)* Gostas?

ÊLE — Mas para que serve isso?

ELA — Para que servirá uma sombrinha? Para me abrigar do sol.

ÊLE — Há de abrigar-te muito do sol, uma sombrinha de rendas.

ELA — É a moda.

ÊLE — Será a moda. Mas é inútil.

ELA — Pois é por ser inútil que tôda a gente usa. Não percebes?

ÊLE — Perfeitamente.

ELA — Também, não te entretém nada do que eu te digo.

ÊLE, *abrindo um jornal* — Entretem-me muito.

ELA — Muito, e pões-te a ler?

ÊLE — Só passar os olhos pelo jornal.

ELA — Não quero que tu leias.

ÊLE — Tu não queres que eu fume, tu não queres que eu leia... Que é que tu queres que eu faça, fazes favor de me dizer?

Ela — Quero que olhes para mim.

Êle — É divertido.

Ela — Não te divertes, porque já não te interesso.

Êle — Interessas-me, quero-te, adoro-te, — mas compreendes bem que não hei de passar a vida a olhar para ti. — Dá-me o jornal.

Ela — E eu, o que faço?

Êle — Lês outro.

Ela — Não tenho.

Êle — Então, não leias.

Ela — Só se me deixares ler contigo.

Êle — Pois lê. — Uff!

Ela — Incomodo-te?

Êle — Isso sim!

Ela, *lendo, com a cabeça encostada à cabeça dêle* — Olha! Casou a Guida! Quem diria que ela ainda havia de casar, depois daquelas coisas da Granja! — Dize lá a verdade. Tu gostaste dela?

Êle — Eu não.

Ela — Ela gostou de ti.

Êle — Sei lá!

Ela — Mas tu não havias de ser tão feliz com ela como foste comigo. Não é verdade?

Êle — Olha, filha, talvez lesse o jornal com mais descanso.

Ela — Também, para vocês, homens, a felicidade é ler com descanso um jornal.

ÊLE — Para mim, a felicidade era poder estar quieto.

ELA — Quem quer estar quieto não se casa com uma rapariga de dezoito anos.

ÊLE — Tenho de esperar que tu envelheças.

ELA — Estúpido!

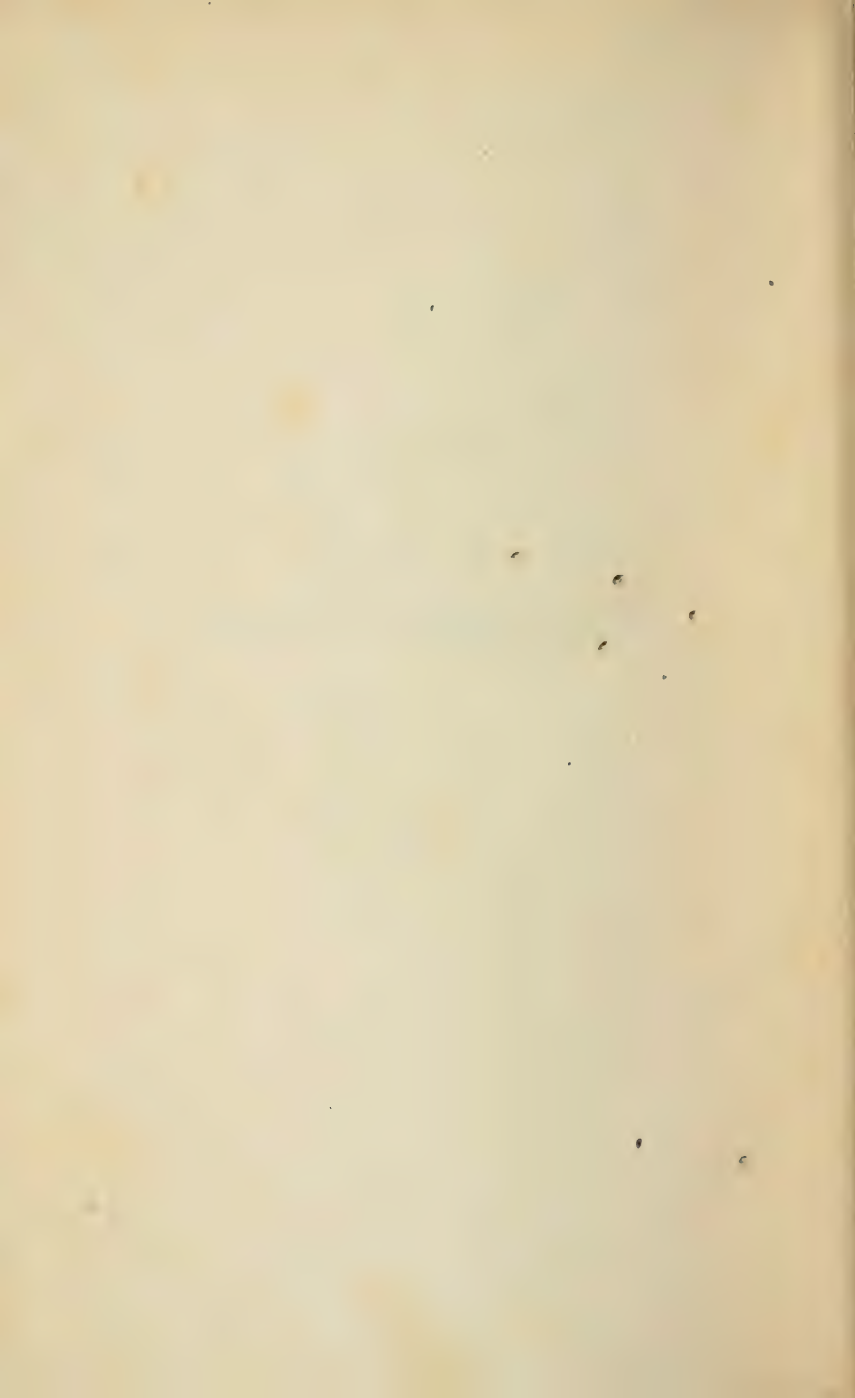
ÊLE — São dez horas.

ELA — Dá cá um beijo...

ÊLE — Já agora, vou àmanhã a casa do ministro da América.

ELA — E se nós tomássemos chá?

ÊLE — É verdade, se nós tomássemos chá?

OS BONECOS DE SÈVRES

OS BONECOS DE SÈVRES

Numa das salas de um palácio antigo, onde acaba de realizar-se um chá elegante. Nove horas da noite. Sôbre uma credência doirada, duas figuras de Sèvres conversam. São autênticas, marcadas com os dois L e a letra B (1754). A BONECA *é uma Pompadour encantadora, cabecinha pequena, empoada, vestido salpicado de rosas côr-de-rosa.* O BONECO *é um Petit Marquis, de bastão e tricórnio.*

A BONECA — Já se foram embora, Marquês?

O BONECO — Parece que ainda ouço falar, na outra sala.

A BONECA — Eu estou espantada do que vi.

O BONECO — Eu, se não tivesse visto, não acreditava.

A BONECA — Como chamam êles a isto?

O BONECO — Um *five o'clock tea.*

A BONECA — No nosso tempo também se tomava chá. Mas com muito mais elegância.

O BONECO — E com muito melhor educação. Não os ouviu, Marquesa, tratarem as senhoras por *você?*

A BONECA — Talvez fôssem as criadas.

O Boneco — Que idea! Então as criadas haviam de tomar chá com êles?

A Boneca — Também, não admira. Elas vinham quási nuas.

O Boneco — Não é uma razão. No nosso tempo, quando as mulheres se despiam, os homens eram ainda mais respeitosos.

A Boneca — Só os bonecos de Sèvres, como o Marquês.

O Boneco — E mesmo os que não eram bonecos. Lembra-se do Marquês de Boufflers? Nunca beijou a mulher sem lhe pedir licença primeiro.

A Boneca — A Marquesa dava licença a tanta gente!

O Boneco — Era uma senhora muito generosa. Mas nunca tomou chá despida.

A Boneca — A moda dos braços nus ainda se tolera.

O Boneco — E mesmo o decote. Lembra-se do lindo decote da Marquesa de Pompadour?

A Boneca — Mas as pernas, realmente!

O Boneco — As pernas não acho bem. Aquela de azul, então...!

A Boneca — Era a que as tinha mais feias.

O Boneco — Era a que as mostrava mais. É sempre assim.

A Boneca — Como ela fumava! Eu achei graça a vê-la fumar.

O Boneco — Eu achava mais graça ao nosso rapé.

A Boneca — O nosso querido rapé! Que saudades das caixinhas de oiro, que tocavam música!

O Boneco — Não havia nada mais delicado do que uma pitada ligeira tirada por uma pequenina mão de mulher. Era como quem colhia uma pérola, para a enfiar.

A Boneca — Agora, já nem se espirra com elegância, Marquês!

O Boneco — Tudo degenerou. Êles nem sabem conversar.

A Boneca — Conversar, só no nosso tempo. Hoje fala-se, apenas.

O Boneco — E fala-se mal. A Marquesa não ouviu o que êles diziam às senhoras?

A Boneca — Então, não ouvi! Lembra-se daquele rapaz, que me pegou?

O Boneco — Muito bem. Um que a ia quebrando, Marquesa...

A Boneca — E que teve a audácia de duvidar que eu fôsse de Sèvres. Ouviu o que êle disse à rapariga do chapéu encarnado?

O Boneco — «Como você vem pêcega!» Ouvi perfeitamente.

A Boneca — Que quer aquilo dizer?

O Boneco — É uma amabilidade. Quando conversam uns com os outros, só falam de

mulheres. E, quando conversam com uma senhora, não falam senão de cavalos.

A Boneca — Como os cavalos se devem aborrecer dêles!

O Boneco — E as mulheres também. A Marquesa reparou? Os rapazes, quando querem ter espírito, são malcriados.

A Boneca — Já não se sabe namorar, Marquês.

O Boneco — Estragaram tudo o que havia de bom na vida.

A Boneca — Devoram o fruto sem lhe sentir o perfume.

O Boneco — Como os macacos.

A Boneca — No nosso tempo, o amor chamava-se galanteio, e mal se beijavam as pontas dos dedos.

O Boneco — Agora chama-se *flirt*, e dão-se beliscões. Sabe o que eu notei, Marquesa? Quem está na moda são os homens de quarenta anos.

A Boneca — Era a idade de Júpiter, quando conquistou Leda.

O Boneco — É por isso que os cisnes não envelhecem.

A Boneca — Viu como elas rodeavam aquele dos cabelos grisalhos?

O Boneco — Os rapazes já não contam para as mulheres.

A Boneca — A dos caracois loiros disse que não guiava *ponneys*.

O Boneco — Sabe o que eu achei? Que as próprias mulheres parecem rapazes. Não reparou que elas não têm peito nem ancas?

A Boneca — E os rapazes parecem mulheres. Não viu que êles trazem seios?

O Boneco — E pintam-se.

A Boneca — Como no nosso tempo.

O Boneco — Só lhes faltam os sinais de tafetá.

A Boneca — E uma flauta de marfim para tocar minuetes. Que era aquilo que êles dansaram?

O Boneco — O tango e o *fox-trot*.

A Boneca — Que coisa tão pouco decente! Não viu, Marquês, que êles andavam mesmo agarrados a elas?

O Boneco — Se aquilo se parece com a dansa do nosso tempo!

A Boneca — Os minuetes de Exaudet e de Lulli!

O Boneco — As reverências, as mãos que se beijam, os polvilhos que vôam...

A Boneca — Lembra-se? Os pares só se tocavam pelas pontas dos dedos... Como era bonito!

O Boneco — Que pena nós sermos de loiça, Marquesa!

A Boneca — Se não fôssemos, dansávamos o minuete quando o relógio batesse as nove horas.

O Boneco — Parece que já veem os criados apagar as luzes.

A Boneca — São os donos da casa. Como êles bocejam!

O Boneco — Vivem na mais afectuosa desarmonia.

A Boneca — Ela namorou tôda a tarde aquele oficial que não tirava os olhos de nós.

O Boneco — E êle fêz a côrte descaradamente à americana loira que trazia bengala.

A Boneca — Enganam-se ambos.

O Boneco — São felicíssimos. — Pronto. Apagaram a luz.

A Boneca — Boa noite, Marquês.

O Boneco — Boa noite, Marquesa.

O MARIDO DELAS

O MARIDO DELAS

Smoking-room. Estilo inglês. Lacas verdes. Um reposteiro de veludo verde. Cadeiras Brougham. Intimidade, silêncio, meia luz. Na parede, a nódoa doirada de um quadro que tôda a gente julga um Poussin. Ao pé duma mesa de fumar, um cadeirão Maple. Um número do "Times", aberto. Num Delft, pontas de cigarro. Duas horas da tarde.

MARIA LUÍSA, *trinta anos, beleza enérgica, nariz aquilino, olhos pretos admiráveis, flexuosidade, serenidade, desdém, raça.* — Um CRIADO, *clássico, perfilado, "gilet de service".*

O CRIADO — Mando entrar?

MARIA LUÍSA — Mande entrar.

Entra MARIA DE LOURDES. *Trotteur cinzento, grandes botões de prata. Tem vinte e cinco anos, é loira, fina, olhos cândidos, beleza sem importância Olham-se as duas. Um silêncio de constrangimento.* O CRIADO *sai.*

MARIA DE LOURDES — Como estás?

MARIA LUÍSA — Bem, obrigada.

MARIA DE LOURDES — Não esperava que tu me recebesses.

Maria Luísa — Nem eu que tu me procurasses.

Maria de Lourdes — Parece-te que fiz mal?

Maria Luísa — A tua consciência que te responda.

Maria de Lourdes — Estou tranqüila.

Maria Luísa — Ainda bem. *(Friamente, depois de um novo silêncio)* Não queres sentar-te?

Maria de Lourdes, *pálida, deixando-se caír sôbre uma cadeira* — Obrigada.

Maria Luísa — A que devo a tua visita?

Maria de Lourdes — Fomos amigas.

Maria Luísa — Infelizmente.

Maria de Lourdes — É preciso que entre nós haja uma explicação.

Maria Luísa — Julgo inútil pedir-ta.

Maria de Lourdes — Mas eu julgo necessário dar-ta.

Maria Luísa — Como quiseres.

Maria de Lourdes — Juro-te, Maria Luísa, que antes de tu te divorciares do Jorge, nada absolutamente houve entre mim e teu marido.

Maria Luísa — E a prova é que, um ano depois, casavas com êle.

Maria de Lourdes — Como qualquer outra podia ter casado.

Maria Luísa — Mas nunca uma amiga de infância!

Maria de Lourdes — Já não era a tua felicidade, e podia ser a minha.

Maria Luísa — Estás certa de que és feliz?

Maria de Lourdes — Tenho, pelo menos, a ilusão de que o sou.

Maria Luísa — E de que fizeste feliz alguém?

Maria de Lourdes — É uma questão que só a mim interessa.

Maria Luísa — Enganas-te.

Maria de Lourdes — Tenho o direito de supor que te sou indiferente.

Maria Luísa — Não me é indiferente a felicidade de meu marido.

Maria de Lourdes — De teu marido?

Maria Luísa — Do Jorge.

Maria de Lourdes — Queres dizer do meu.

Maria Luísa — Sim, do nosso.

Maria de Lourdes — Se eu não o faço feliz, também tu o não fizeste.

Maria Luísa — Era isso que me vinhas dizer?

Maria de Lourdes — Não. Venho pedir-te um favor.

Maria Luísa — A mim?

Maria de Lourdes — A ti.

Maria Luísa — Não me obrigo a prestar-to.

Maria de Lourdes — Embora.

Maria Luísa — Dirás.

Maria de Lourdes — Sabes que amo meu marido?

Maria Luísa — É uma fatalidade que nos sucede às vezes.

Maria de Lourdes — E, porque o amo, estou disposta a defender, palmo a palmo, a minha felicidade.

Maria Luísa — Tem cuidado com as tuas amigas íntimas.

Maria de Lourdes — Sobretudo com as que o foram. Aceito o teu conselho.

Maria Luísa — E vens pô-lo em prática?

Maria de Lourdes — Venho defender-me.

Maria Luísa — De quem?

Maria de Lourdes — De ti.

Maria Luísa — Dispenso-me de te acusar.

Maria de Lourdes — Cartas na mesa?

Maria Luísa — Cartas na mesa.

Maria de Lourdes — Tu ainda pensas no Jorge.

Maria Luísa — É natural. Foi meu marido.

Maria de Lourdes — Ainda gostas dêle.

Maria Luísa — Não há mulher nenhuma que esqueça o primeiro homem que a possuíu.

Maria de Lourdes — E procuras reconquistá-lo.

Maria Luísa — Não há homem nenhum que esqueça a primeira mulher que amou.

MARIA DE LOURDES — Nesse caso, para que te divorciaste?

MARIA LUÍSA — Para te ceder o meu lugar.

MARIA DE LOURDES — És generosa.

MARIA LUÍSA — Costumo dar aos pobres os vestidos que já não uso.

MARIA DE LOURDES — Mas ficas com vontade de os tornar a vestir.

MARIA LUÍSA — Vens então pedir-me que não reconquiste meu marido?

MARIA DE LOURDES — Venho pedir-te que não tornes a escrever-lhe.

MARIA LUÍSA — Êle mostra-te as minhas cartas?

MARIA DE LOURDES — Não. Leio-as eu.

MARIA LUÍSA — Pois eu tinha a generosidade de não ler as tuas.

MARIA DE LOURDES — Que tens tu que dizer a meu marido?

MARIA LUÍSA — Coisas que me esqueci de dizer-lhe quando era mulher dêle.

MARIA DE LOURDES — Já o não és.

MARIA LUÍSA — Mas lembro-me às vezes de que o fui. — Não se vive impunemente dez anos em comum.

MARIA DE LOURDES — Nove anos.

MARIA LUÍSA — E meio. De mais a mais, com um marido encantador. — Não é verdade que o Jorge é um marido encantador?

Maria de Lourdes — Não julgo indispensável dizer-te as minhas impressões.

Maria Luísa — É pena. Devem ser interessantes. — Já reparaste que nada mudou na minha casa depois que me divorciei?

Maria de Lourdes — É-me indiferente.

Maria Luísa — Talvez não. — Lembras-te dêste Maple?

Maria de Lourdes — Lembro.

Maria Luísa — Era onde êle se sentava, todas as tardes, a ler os jornais de Londres.

Maria de Lourdes — O passado não me interessa.

Maria Luísa — Foi ali, naquele espêlho, que pela primeira vez te surpreendi a namorar meu marido.

Maria de Lourdes — Ilusão de óptica.

Maria Luísa — Que há de repetir-se um dia nos espelhos da tua casa.

Maria de Lourdes — Não tenciono receber-te.

Maria Luísa — Nem eu procurar-te.

Maria de Lourdes, *olhando o Delft* — São ainda as pontas dos cigarros que êle fumou há dois anos?

Maria Luísa, *comprimindo o botão da campaínha* — Chamo o criado, e tu perguntas-lhe.

Maria de Lourdes, *levantando-se* — Não te incomodes.

MARIA LUÍSA — Não tens mais nada que me dizer?

MARIA DE LOURDES — Peço-te, pela última vez, que esqueças meu marido.

MARIA LUÍSA — É inútil.

MARIA DE LOURDES — Porquê?

MARIA LUÍSA — Porque não conseguirás que êle me esqueça a mim.

MARIA DE LOURDES — É um desafio?

MARIA LUÍSA — Experimentemos.

MARIA DE LOURDES — Aceito-o.

MARIA LUÍSA, *ao* CRIADO, *que aparece* — Acompanhe a senhora Viscondessa.

MARIA DE LOURDES — Boa tarde.

O CRIADO *curva-se.* MARIA DE LOURDES *sai.*

Um momento. O reposteiro de veludo verde afasta-se. Numa mão robusta scintila um anel. Espreita uma cabeça de homem, loira, sólida, rosada, um pouco grisalha.

JORGE — Já se foi?

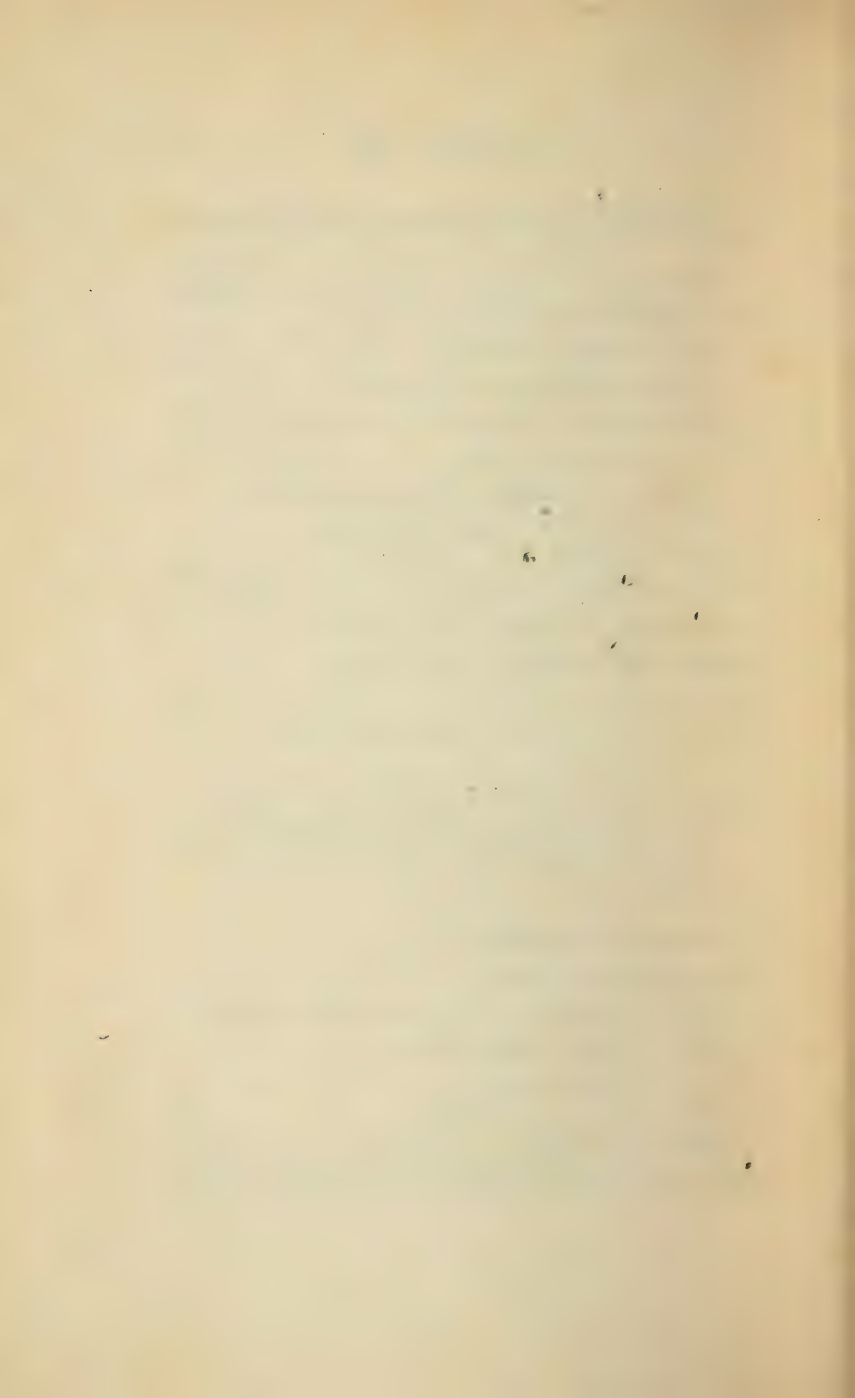
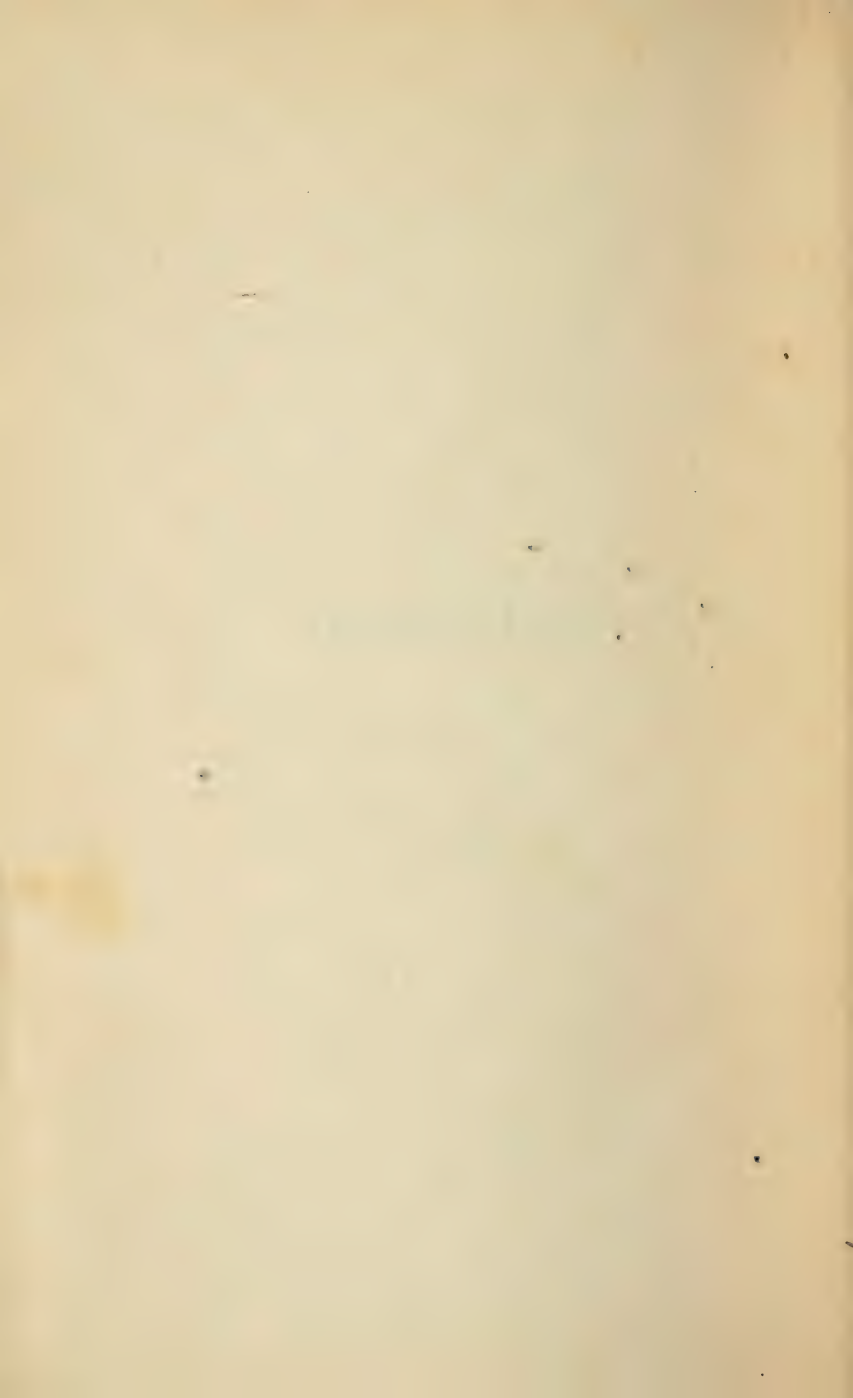
MARIA LUÍSA — Já.

JORGE — Parecia a voz da minha mulher.

MARIA LUÍSA — Que idea!

JORGE — Quem era?

MARIA LUÍSA — A modista.

JORGE, *afundando-se no Maple, acendendo um cigarro, continuando a ler o «Times»* — Uff!

NINON E NINETTE

NINON E NINETTE

O quarto de dormir de duas irmãs que ainda não fizeram vinte anos. O pai, que leu Musset, chama-lhes NINON *e* NINETTE. *Dois leitos, pequenos como dois berços; lacas brancas, clarões de espêlho, rendas.* NINON *é morena, triste, pele doirada, olhos profundos;* NINETTE *é branca, rosada, loira, irrequieta. Voltaram deum baile, e despem-se para se deitar. Quatro horas da madrugada.*

NINON — Achaste melhor, no ano passado?

NINETTE — Achei. Muito mais rapazes.

NINON — Oh, filha, havia tantos!

NINETTE — Mas não dansavam. Uff! Que calor! Tenho a cabeça tonta.

NINON — É do *Champagne.*

NINETTE — É de não estar quieta, tôda a noite. Porque não dansaste tu?

NINON — Aborrece-me.

NINETTE — Fazes-te velha. — Meus ricos sapatinhos de setim, como êles estão!

NINON — Os meus, parece que não foram calçados.

NINETTE — Pudera. Eu não joguei o *bridge,*

como tu. Eu dansei, pulei, namorei, fiz asneiras, — diverti-me.

NINON — Namorar estraga os sapatos?

NINETTE — Não sei, filha. Acho que sim. O Chico Valbom pisou-me tôda. Mete os pés para dentro, quando dansa.

NINON — Tu estavas muito encantada com êle.

NINETTE — Com todos. Êles todos gostam de mim.

NINON — E tu, de qual é que gostas?

NINETTE — Não gosto de nenhum. Não tenho tempo para escolher.

NINON — O Pepe falou-me muito de ti.

NINETTE — O Pepe fala de todas. Deve ser uma grande maçada gostar dum homem.

NINON — Não acho.

NINETTE — Tu não achas, porque gostas de um.

NINON — Talvez.

NINETTE — Pensar sempre na mesma pessoa, que horror!

NINON — É mais agradável do que tu julgas.

NINETTE — Tu gostas de trazer sempre o mesmo vestido, de ler sempre o mesmo romance?

NINON — O coração de uma mulher precisa de se interessar por alguém.

NINETTE — Eu interesso-me por todos. Penso

em todos ao mesmo tempo. Não imaginas como é divertido! *(Vestindo a camisa, num bocejo)* Que sono!

NINON — Não tiras as pérolas?

NINETTE — Estou tonta. Foi também de fumar.

NINON — Oh! Ninette!

NINETTE — Um cigarro só, que me deu o Chico. E *Miss* Mabel não fuma como um homem? Não anda de cachimbo na bôca, por casa? *(Metendo-se na cama)* Ai, que bom, dormir sòzinha!

NINON — Jesus, filha! Parece que já dormiste acompanhada.

NINETTE — Ás vezes penso na mamã, que dorme há vinte anos com um homem.

NINON — O papá não é um homem.

NINETTE — Então o que é? Deve ser muito incómodo, um homem tôda a noite ao pé de nós.

NINON — Que tolice!

NINETTE — Apaga a luz. Tenho sono.

NINON, *dando volta ao comutador eléctrico* — Boa noite.

NINETTE — Boa noite. *(Na escuridão, depois de um silêncio)* Que perfume é êste?

NINON — São as acácias do jardim, que estão em flor.

NINETTE — Faz-me mal à cabeça. (*Falando*

com volubilidade) Gostaste do *Champagne?* Era *Pommery*. Eu não gosto de *Pommery*. Prefiro *Mumm,* cordon rouge. — Havia lá rapazes bonitos, não achaste? — Lêste o que disse M.^me^ Lloyd-George, que as raparigas deviam educar-se juntas com os rapazes? Pois está visto. «*Quand j'étais une petite fille, je jouais avec les garçons.*» Eu também. O ideal era ter muitos rapazes à roda de mim, muitos, muitos, — e não me importar com nenhum.

Ninon — Tens sono, e não dormes?

Ninette — É do perfume das acácias. Espertei. (*Abrindo a electricidade, de repente*) Que estás tu a fazer?

Ninon — Nada. Apaga a luz.

Ninette — Eu bem vi. Estavas a olhar para um retrato.

Ninon — Ás escuras?

Ninette — Então, estavas a beijá-lo.

Ninon — Que tens tu com isso?

Ninette — Eu bem sei. É o retrato do João. Faz-me raiva vêr-te beijar o retrato de um homem que não gosta de ti.

Ninon — Mas gosto eu dêle.

Ninette — Sempre há raparigas muito tôlas!

Ninon — Sou feliz assim.

Ninette — Não se pode ser feliz gostando de um homem que não se importa comnosco.

NINON — Enganas-te. É tão bom amar alguém!

NINETTE — O que é bom não é amar, é ser amada. E por quanto mais gente, melhor.

NINON — Tu verás, quando chegar a tua vez.

NINETTE — Não chega. Eu admitia lá que um homem me fizesse o que o João te tem feito!

NINON — Não posso obrigá-lo a gostar de mim.

NINETTE — Mas podes obrigá-lo a ser delicado.

NINON — Êle não tem culpa de que eu goste dêle.

NINETTE — Ofende-te, ri-se de ti.

NINON — Eu sou às vezes tão importuna!

NINETTE — Ainda não te disse que se ia casar?

NINON — Já.

NINETTE — E tu gostas dêle, a-pesar disso?

NINON — Continuo a adorá-lo, de longe.

NINETTE — Não te importas?

NINON — Não tenho o direito de perturbar a sua felicidade.

NINETTE — É a isso, então, que tu chamas amor?

NINON — Vivo a pensar nêle. Durmo abraçada ao seu retrato. Peço por êle a Deus nas minhas orações... — Ás vezes sofro, choro...

NINETTE — Minha pobre Ninon!

NINON — Mas não faz mal. Sou feliz.

NINETTE — Tenho pena de ti.

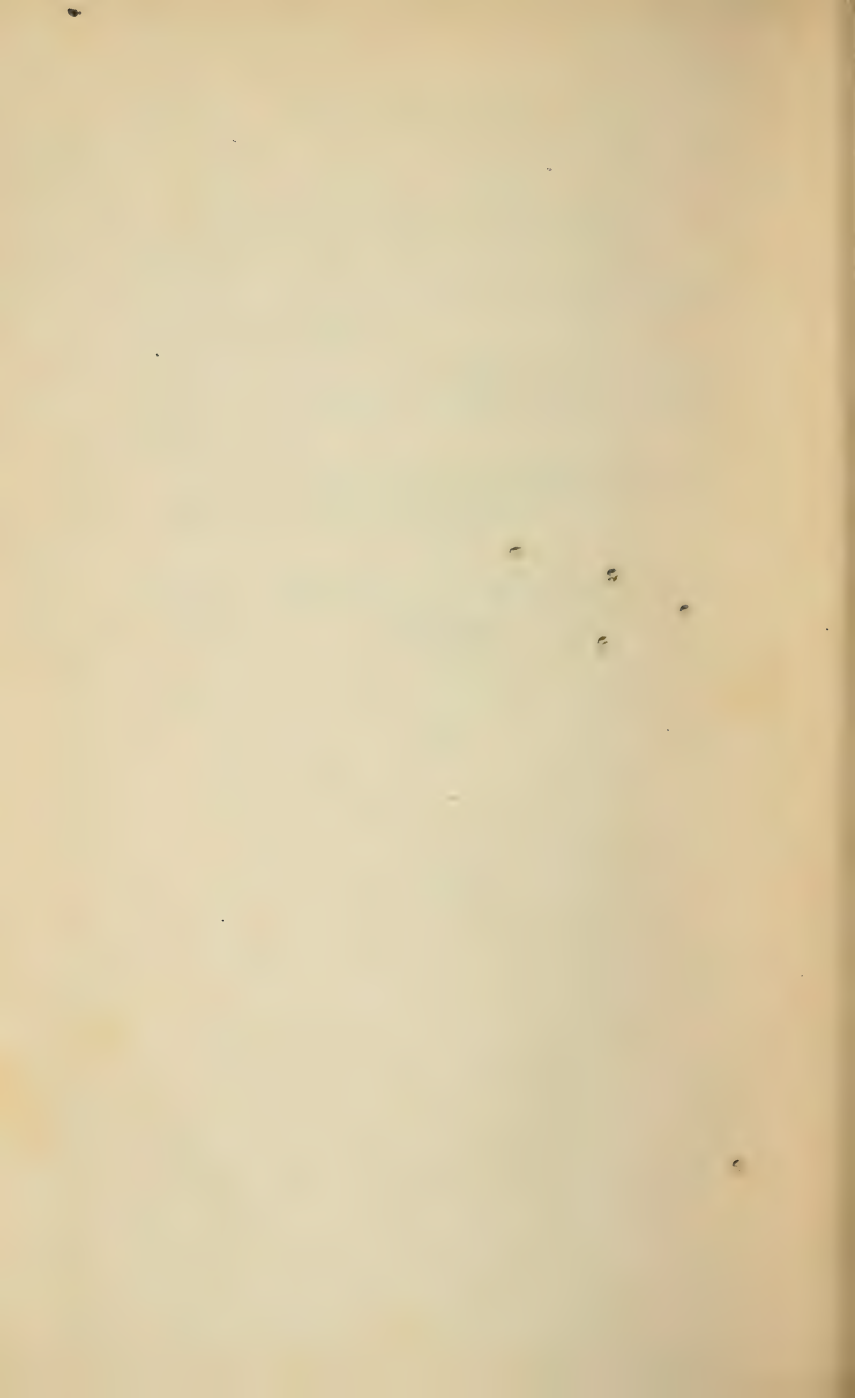
NINON — Sempre se é feliz na vida, quando se gosta de alguém.

NINETTE, *depois de um momento* — Os meus braços são bonitos, não são? Eu não gosto senão de mim...

NINON, *fechando a luz* — Boa noite, Ninette.

NINETTE — Boa noite, Ninon.

Escuridão. Ligeiro frou-frou de sêda e de rendas. Silêncio..

SERVIR

SERVIR

*Em casa dos Barões de ***. Sala de fumar. Depois do almôço. O* BARÃO *acabou de saír. A* BARONESA, *tipo de "parvenue", sêca, árida, cortante, desagradável, gabardine côr de folha morta, "béret" de pele da Suécia, luvas enormes de canhão, espera que chegue a carruagem. Aparece à porta o* CRIADO, *um velho, antigo môço-de-copa do Marquês de Loulé.*

O CRIADO — Senhora Baronesa.

BARONESA — Que é?

O CRIADO — Está lá fora uma senhora...

BARONESA — Já disse que não recebia ninguém.

O CRIADO — Pergunta se foi daqui que pozeram anúncio para uma governante.

BARONESA — Que séca! — Mande entrar.

O CRIADO — Para esta sala?

BARONESA — Sim.

Entra uma rapariga magra, loira, distinta, fisionomia de sofrimento resignado, vestido preto, "toque" preta. É a futura governante. Cumprimenta com um ligeiro movimento de cabeça, e espera, de pé.

BARONESA — A senhora está nas condições do anúncio?

A GOVERNANTE — Creio que sim.

BARONESA — Que idade tem?

A GOVERNANTE — Vinte e seis anos.

BARONESA — Parece ter mais.

A GOVERNANTE — Tenho sofrido muito.

BARONESA — É doente?

A GOVERNANTE — Não, minha senhora. Sofrimentos morais.

BARONESA — Sabe o que nós queremos, não é verdade?

A GOVERNANTE — Uma governante, que tome conta dos criados.

BARONESA — E, sobretudo, que trate das crianças.

A GOVERNANTE — Estou habituada.

BARONESA — Temos oito criados, contando com a ama e o cocheiro.

A GOVERNANTE — Nove com o *groom*, — disseram-me.

BARONESA — É isso. O ordenado são vinte mil réis. Convem-lhe?

A GOVERNANTE — Sim, minha senhora. Convem-me tudo.

BARONESA — Em que casas esteve servindo?

A GOVERNANTE — Em nenhuma.

BARONESA — Nunca serviu, então?

A GOVERNANTE — Vivia na minha casa.

Baronesa — Com seus pais?

A Governante — Não, minha senhora. Meus pais morreram há muito tempo.

Baronesa — Do que nós precisamos é duma mulher com prática de governante. Não sendo assim, não nos convém.

A Governante — Eu conheço o serviço. Também tive criados.

Baronesa — Não se pode meter em casa a primeira pessoa que nos aparece.

A Governante — Com certeza.

Baronesa — Precisamos de informações.

A Governante — Estou pronta a dar as informações que forem necessárias.

Baronesa — Como, se não serviu em casa alguma?

A Governante — Pessoas que me conhecem.

Baronesa — Não é a mesma coisa.

A Governante — Conforme elas forem.

Baronesa — Quem são?

A Governante — M.me Monteverde, Avenida da Liberdade, 64.

Baronesa, *tomando nota* — É alguma senhora que a protege?

A Governante — Dei lições de inglês a uma sobrinha.

Baronesa — Sabe línguas?

A Governante — Estive três anos em Inglaterra.

Baronesa — Mais alguém?

A Governante — General Castro, Odivelas.

Baronesa — É das suas relações de família?

A Governante — É padrinho do meu filho.

Baronesa — A senhora tem um filho?

A Governante — De cinco anos.

Baronesa — É escusado continuarmos. Não me convém.

A Governante — Mas eu não penso em trazer o meu filho comigo.

Baronesa — Também, não faltava mais nada.

A Governante — Deixo-o em casa duma parenta a quem pago uma mensalidade.

Baronesa — Não. Não me convém.

A Governante — Mas em que pode o meu filho prejudicar o nosso ajuste?

Baronesa — Compreende que, nessas condições, eu não posso entregar-lhe as crianças.

A Governante — Não entendo bem.

Baronesa — Não confio a educação das minhas filhas a senhoras que cometeram leviandades.

A Governante — Eu tenho um filho de meu marido. Sou casada.

Baronesa — Não tinha concluído isso das suas palavras.

A Governante — Creio que não será preciso trazer a minha certidão de casamento.

BARONESA — E seu marido consente que a senhora venha servir?

A GOVERNANTE — Meu marido não vive comigo.

BARONESA — Então com quem vive?

A GOVERNANTE — Julgo que está na Argentina.

BARONESA — Não sabe dêle?

A GOVERNANTE — Abandonou-me.

BARONESA — Naturalmente, vive com outra mulher.

A GOVERNANTE — Não sei.

BARONESA — Deixou-a sem recursos?

A GOVERNANTE — E com um filho.

BARONESA — Porque não requer o divórcio?

A GOVERNANTE — É contra os meus princípios religiosos.

BARONESA — Como se chama seu marido?

A GOVERNANTE, *num sorriso doloroso* — Se não é indispensável para o meu ajuste...

BARONESA — E a senhora como se chama?

A GOVERNANTE — Maria Isabel.

BARONESA — Só?

A GOVERNANTE — Maria Isabel de Albuquerque do Amaral.

BARONESA — Donde é?

A GOVERNANTE — De Vizeu.

BARONESA — Deve ser ainda aparentada com os Albuquerques da Casa do Arco.

A GOVERNANTE — Creio que sim.

BARONESA — Tiveram muitos bastardos. — Pois nós não temos nesta casa situação para a senhora. Não é duma dama de companhia que precisamos. É duma governante, digamos a palavra — duma criada.

A GOVERNANTE — Eu sujeito-me a tudo.

BARONESA — Deseja ficar, nestas condições?

A GOVERNANTE — Desejo, porque preciso.

BARONESA — Devo preveni-la, lealmente, de que o facto da senhora ser educada e ter vivido noutro meio não lhe dá direito nesta casa a nenhum tratamento especial.

A GOVERNANTE — Compreendo-o perfeitamente.

BARONESA — É, para todos os efeitos, uma criada como as outras.

A GOVERNANTE — Decerto.

BARONESA — Espero que não se permitirá também qualquer espécie de familiaridade comnosco.

A GOVERNANTE — Eu sei colocar-me no meu logar.

BARONESA — Tem de pôr avental e touca.

A GOVERNANTE — Está bem, minha senhora.

BARONESA — Come à mesa dos criados, é claro.

A GOVERNANTE — Sim, minha senhora.

BARONESA — Não recebe visitas.

A GOVERNANTE — Oh, não!

BARONESA — Seu filho não virá aqui, porque não o quero junto com os meus.

A GOVERNANTE, *as lágrimas a caírem-lhe pela face.* — Irei vê-lo de quinze em quinze dias, se me der licença.

O CRIADO, *assomando à porta* — A carruagem da senhora Baronesa.

BARONESA — Bem. Eu mando hoje saber informações suas. Volte àmanhã. *(Saindo, ao* CRIADO) — Acompanhe esta senhora, António.

A GOVERNANTE, *rompendo em soluços, amparada ao braço do velho* — Oh! Meu Deus!

O CRIADO — Minha pobre menina, é muito triste servir!

PETIZES

PETIZES

Uma salinha Luís XV. — LENA, *a irmã mais velha, dezoito anos, ares de mamã, lê, absorvida, o último livro de Bourget.* — *Entra* GUIDA, *a irmã mais nova, oito anos, saia curta, olhos pretos, muitos caracóis, um grande chapéu branco, uma raquette na mão, um cãosinho "griffon" atrás.* — *Pouco depois,* PEDRO, *nove anos, loiro, sentencioso, grave. Traz um livro debaixo do braço.*

GUIDA — Lena ...

LENA, *sem levantar os olhos do livro* — Que é?

GUIDA — Posso ir passear com o primo?

LENA — Aonde?

PEDRO — Ao jardim.

LENA — Não.

GUIDA — Porquê?

LENA — Só se for com *Miss* Margaret.

GUIDA — *Miss* Margaret está deitada. Doe--lhe a cabeça.

LENA — Sem *Miss* Margaret não pode ser.

PEDRO — Eu tomo conta na Guida. Vamos jogar o *tennis.*

LENA — Está muito sol.

GUIDA — Levo o chapéu.

LENA, *voltando a ler, impaciente* — Então vão. Deixem-me. — Mas não os quero no *tennis*.

GUIDA — Vamos com muito juízo.

PEDRO — Vamos ler.

LENA — Que livro é êsse?

PEDRO — *Mitologia*. Trouxe da estante do papá.

GUIDA — Êste rapaz sempre lê coisas mais exquisitas!

LENA — *Miss* Margaret que te dê a sombrinha encarnada. — Toma conta nela, Pedro. — Não andem ao sol.

Saem os dois, correndo. O "griffon„ segue-os, como uma bola de neve. LENA *continúa a ler Bourget.*

No jardim. Um banco de pedra, à sombra. Arvoredos doirados. Uma mancha róxa de olaias em flor. GUIDA *e* PEDRO, *assentados no banco, muito juntos, lêem. A sombrinha encarnada flameja ao sol. O "griffon„ dorme.*

PEDRO, *lendo* — «E depois, quando Leda desfaleceu, Júpiter cingiu-a nos braços e beijou-a amorosamente na bôca...»

GUIDA — Depois?

PEDRO — Depois... (*fechando o livro*) Nada.

GUIDA — Lê mais.

PEDRO — Não.

GUIDA — Porque não lês?

PEDRO, *sentencioso* — Meninas não podem ler certas coisas.

GUIDA — E tu, podes?

PEDRO — Eu sou um homem.

GUIDA — E eu sou uma mulher.

PEDRO, *rindo* — Tu?

GUIDA — É por falar em bejios que tu não me deixas ler?

PEDRO — Vamos jogar o *tennis*.

GUIDA — Está sol. A Lena não quer.

PEDRO — Vamos brincar com o cão.

GUIDA — Então um beijo é alguma coisa má?

PEDRO — Não sei.

GUIDA — A Lena dá-me beijos.

PEDRO — Isso não faz mal.

GUIDA — E as irmãs do *Sacré Cœur* também me davam beijos.

PEDRO — É outra coisa.

GUIDA — Então que diferença faz?

PEDRO — Não são homens.

GUIDA — Então os beijos dos homens é que fazem mal?

PEDRO, *embaraçado* — Sei lá! (*Mudando de conversa*) Trouxeste a raquette?

GUIDA — Está aqui. (*Insistindo*) E para que foi que Júpiter beijou Leda?

PEDRO — Porque gostava dela. (*Chamando o cão*) *Boy!* Anda cá.

GUIDA — Deixa o cão. — E porque é que os homens beijam as mulheres de que gostam?

PEDRO — Porque se usa.

GUIDA — E é bom?

PEDRO — É.

GUIDA — Tu já beijaste alguma rapariga?

PEDRO — Já.

GUIDA — Que é que se sente?

PEDRO — O papá não te beijava?

GUIDA — O papá morreu antes de eu nascer.

PEDRO — É verdade.

GUIDA, *depois dum silêncio* — Dá cá um beijo, para ver como é.

PEDRO — Não.

GUIDA — Tens mêdo?

PEDRO — De quê?

GUIDA — Então, dá cá.

PEDRO — Pois dou.

GUIDA, *depois de* PEDRO *a beijar* — Não se sente nada.

PEDRO — Porque foi na testa.

GUIDA — É exquisito.

PEDRO — É exquisito, é.

GUIDA — Como é que diz o livro?

PEDRO — Lê tu.

GUIDA, *lendo* — «E depois, quando Leda desfaleceu, Júpiter cingiu-a nos braços...»

PEDRO, *cingindo* GUIDA — Assim.

GUIDA — «... e beijou-a amorosamente na bôca...»

PEDRO, *beijando-a* — Assim.

GUIDA — Sentiste alguma coisa?

PEDRO — Não.

GUIDA — Nem eu. — E que foi que aconteceu depois dêles se terem beijado?

PEDRO — Não sei.

GUIDA, *dando-lhe o livro* — Lê tu agora.

PEDRO, *continuando a ler* — «... e beijou-a amorosamente na bôca. Dêsse beijo nasceram a Leda dois filhos...»

GUIDA, *interrompendo* — Está lá isso?

PEDRO — Pois está.

GUIDA — Deixa ver.

PEDRO — Dois filhos...

GUIDA — Ah!

GUIDA *deita a correr pelo jardim. O "griffon" corre atrás dela, ladrando.* PEDRO, *imóvel, sem compreender, segue com os olhos o chapéu branco de* GUIDA, *que se perde por entre o arvoredo.*

A mesma sala Luís XV. Um momento depois. — LENA *continúa a ler Bourget.*

GUIDA, *entrando, ofegante* — Lena!

LENA — Que é que tu tens?

GUIDA — Estou cansada. Vim a correr.

LENA — Apanhaste sol?

GUIDA — Não.

LENA — O Pedro?

GUIDA — Ficou no jardim.

LENA — Deixaste-o sòzinho?

GUIDA — Deixei.

LENA — Porquê?

GUIDA — Não quero mais estar ao pé dêle.

LENA — Fez-te mal?

GUIDA, *depois dum silêncio* — Quero dizer-te um segrêdo.

LENA — Tu tens segrêdos?

GUIDA — Tenho.

LENA — Aos oito anos?

GUIDA — Um segrêdo muito importante.

LENA — Então que é?

GUIDA — Juras que não dizes a ninguém?

LENA — Não.

GUIDA — Nem a *Miss* Margaret?

LENA — Não.

GUIDA — Sabes o que é?

LENA — ?

GUIDA — Vou ser mamã.

O PIERROT NEGRO
E A PIERRETTE CÔR-DE-ROSA

O PIERROT NEGRO
E A PIERRETTE CÓR-DE-ROSA

Em Veneza, ao pôr-do-sol. O canal esplende, como um mosaico doirado. Sôbre a água negra passam gôndolas. Numa "loggia", uma PIERRETTE *côr-de-rosa e um* PIERROT *preto — o Pierrot triste de Willette — conversam, diante duma mesa de chá.*

PIERRETTE — Pierrot?

PIERROT — Pierrette?

PIERRETTE — Obrigada por teres vindo.

PIERROT — Eu venho sempre que tu me chamas.

PIERRETTE — Como o meu cão.

PIERROT — E mesmo sem tu me chamares.

PIERRETTE — Como a minha sombra. É por isso que eu sinto frio ao pé de ti.

PIERROT — Porque sou uma sombra?

PIERRETTE — E porque és triste. Ouve.

PIERROT — Que é?

PIERRETTE — Sabes que idade eu tenho?

PIERROT — Sei que és côr-de-rosa e que te chamas Pierrette.

PIERRETTE — Quinze anos.

PIERROT — Uma primavera.

PIERRETTE — Uma eternidade. — Quero dizer-te um segrêdo.

PIERROT — O segrêdo de Polichinelo?

PIERRETTE — O meu. Adivinha o que é.

PIERROT — Tôda a gente sabe.

PIERRETTE — Quem to disse?

PIERROT — É o segrêdo de todas as raparigas que fizeram quinze anos.

PIERRETTE — Um segrêdo que vive dentro dum frasco de perfume.

PIERROT — As laranjeiras floriram.

PIERRETTE — Um segrêdo que cabe dentro da minha caixa de pó-de-arroz.

PIERROT — É por isso que tu não coras.

PIERRETTE — Sabes?

PIERROT — Dize.

PIERRETTE — Conheço alguém que gosta de mim.

PIERROT — Sou eu.

PIERRETTE — Tu? Não. Tu és triste e vestes de preto. Tu és meu primo. Tu não contas.

PIERROT — Mas ninguém gosta de ti como eu.

PIERRETTE — Eu já te proïbi de m'o dizer.

PIERROT — Que culpa têm as árvores de que os pássaros cantem?

PIERRETTE — Já ouviste falar em Arlequim?

PIERROT — Já. É alegre, tem uma guitarra e uma capa de côres.

PIERRETTE — É êle.

PIERROT — O homem misterioso que passa... Cuidado, Pierrette!

PIERRETTE — Porquê?

PIERROT — Todas as mulheres que o seguem estão perdidas.

PIERRETTE — Não tenho mêdo.

PIERROT — Arlequim é a tentação.

PIERRETTE — Mas como êle sorri!

PIERROT — Arlequim é a mentira.

PIERRETTE — Mas como êle canta!

PIERROT — Arlequim é a perfídia tenebrosa.

PIERRETTE — Mas como atrai, a sua capa de côres!

PIERROT — Pierrette, tu nunca olhaste para o sol?

PIERRETTE — Um dia. E chorei.

PIERROT — Cautela, Pierrette, não chores outra vez.

PIERRETTE — Querias que Arlequim fôsse como tu, negro e triste?

PIERROT — Também as gôndolas são negras, — e os gondoleiros cantam.

PIERRETTE — Pierrot, eu ainda não te disse o meu segrêdo.

PIERROT — Os teus olhos brilham. Que tens tu?

PIERRETTE — Dá-me as tuas mãos.

PIERROT — As tuas mãos tremem...

PIERRETTE — Quero dizer-te a verdade.

PIERROT — É com essa candura que todas as mulheres mentem.

PIERRETTE — Quero ser boa para ti.

PIERROT —É com êsse sorriso que todas as mulheres enganam.

PIERRETTE — Eu vou fugir esta noite.

PIERROT — Com êle?

PIERRETTE — Com êle.

PIERROT — Pobre Pierrette!

PIERRETTE — Em batendo a meia-noite no sino de S. Marcos.

PIERROT — Foi para te dar o destino das flores, que Deus te fêz côr-de-rosa!

PIERRETTE — Êle está doido por mim.

PIERROT — E para onde foges tu?

PIERRETTE — Para onde houver felicidade.

PIERRT — Não a encontras, se a não levares contigo.

PIERRETTE — Levo-a porque amo.

PIERROT — O amor nunca fêz feliz ninguém.

PIERRETTE — E porque êle me adora.

PIERROT — Tenho pena de ti.

PIERRETTE — Não tenhas. Eu sou feliz.

PIERROT — Por quanto tempo?

PIERRETTE — Eternamente. Pois não é verdade que o amor é eterno?

PIERROT — Como uma flor que nasce e morre no mesmo dia.

PIERRETTE — Não é verdade que o amor é profundo?

PIERROT — Profundo como um espêlho que se partiu.

PIERRETTE — Não é verdade, ao menos, que o amor é alegre, Pierrot?

PIERROT — Alegre como os cisnes, que cantam para morrer.

PIERRETTE — Então para que é que todos nós amamos, se o amor não é eterno, nem alegre, nem profundo?

PIERROT — Para sofrer. Como eu.

PIERRETTE — E tu achas bom, sofrer?

PIERROT — Acho delicioso sofrer por ti.

PIERRETTE — E o que se sofre, quando se ama?

PIERROT — Isto, Pierrette. Olha para mim, e aqui tens, nas lágrimas que eu choro, o que tu sofrerás àmanhã. É o horror de nunca haver dois sentimentos iguais. É o suplício de um amar sempre tanto, e o outro tão pouco. É o inferno do ciúme, da indiferença, da saciedade. É querer bem a alguém, e senti-lo fugir como uma sombra. É suplicar, e não ser ouvido. É adorar, e ser maltratado. É morrer, desfolhando rosas sôbre a mão que nos matou. Não, Pierrette. Não procures no amor mais do que uma vertigem de infinito que dura o instante dum beijo. O resto é tudo

agonia, tudo desespêro, tudo abandôno. Uma adoração humilde, uma tortura divina, uma volúpia dolorosa... O que tu hás de sofrer, minha pobre Pierrette!

PIERRETTE — Ah! Como deve ser bom!

PIERROT — O que tu hás de chorar!

PIERRETTE — Como deve ser lindo!

PIERROT — O que tu hás de lembrar-te de mim!

PIERRETTE — O que eu hei de gostar dêle!

PIERROT — É o destino dás mulheres, amarem e serem desprezadas...

PIERRETTE — É o destino das flores, perfumar e sorrir.

PIERROT — Êle há de torturar-te.

PIERRETTE — E eu beijo-o.

PIERROT — Êle há de abandonar-te.

PIERRETTE — E eu adoro-o.

PIERROT — Êle há de matar-te.

PIERRETTE — E eu bemdigo-o.

PIERROT — Segue o teu destino. Adeus, Pierrette.

PIERRETTE — Adeus, Pierrot.

A VERTIGEM

A VERTIGEM

Num baile. A um canto da sala, junto à mancha doirada dum tremó Luís XVI, os dois conversam. ELA, *uma divorciada, trinta anos magníficos, olhos profundos, imperceptivelmente "faisandée", beleza mais grandiosa do que delicada, de preto, braços nus, pérolas.* ÊLE, *quarenta anos, distinção sóbria, cabelo a embranquecer nas fontes, casaca. Dansa-se. Depois dum "jazz-band" diabólico, — uma valsa lenta.*

ELA — Sabe que eu já o conhecia?

ÊLE — Como se conhecem todos os indiferentes. De longe.

ELA — E era pena, porque você ganha em ser visto de perto.

ÊLE — Como uma gravura antiga?

ELA — Como todas as curiosidades. — Tem umas mãos de mulher, sabe?

ÊLE — O resto é de homem.

ELA — Não o julgava tão novo.

ÊLE — Não tenho tempo para envelhecer.

ELA — Estava na persuação de que os seus olhos eram pretos.

ÊLE — Ficam mais claros quando olho para si. Donde me conhece, então?

ELA — Vi-o, não sei onde.

ÊLE — Bem sei. Vou lá às vezes.

ELA — Encontrei-o nas páginas dos seus livros.

ÊLE — Como uma flôr sêca?

ELA — Como uma borboleta morta.

ÊLE — Porque não me prega com um alfinete na sua colecção?

ELA — Não vale a pena. Você não é uma espécie muito rara.

ÊLE — Nem muito vulgar.

ELA — Tem os defeitos de todos os homens.

ÊLE — Já isso é uma qualidade.

ELA — Tem, sobretudo, o defeito de ser interessante e de saber que o é.

ÊLE — Mas ainda não consegui interessá-la.

ELA — Tão pouco, que estou há duas horas conversando consigo.

ÊLE — O que você sente por mim é o que todas as mulheres bonitas sentem por todos os homens de espírito: curiosidade intelectual.

ELA — Precisamente. E o que você sente por mim é o que todos os homens de espírito sentem por todas as mulheres bonitas: curiosidade sensual.

ÊLE — É possível. Mas você está de melhor partido.

Ela — Porquê?

Êle — Já satisfez a sua curiosidade, — e eu ainda não satisfiz a minha.

Ela — Eu conheço apenas a sua epiderme moral. Ainda não sei como você é por dentro.

Êle — Quer escangalhar-me, para ver?

Ela — Como fazia às bonecas quando era pequena. Duas vezes somos crianças.

Êle — A minha curiosidade tem a vantagem de ser menos profunda.

Ela — Mas é mais exigente.

Êle — Contenta-se com a epiderme...

Ela — Talvez possamos entender-nos.

Êle — Amo-a.

Ela — Não seja *vieux-jeu*. Bem sabe que o amor não existe.

Êle — Sei que existe uma loucura com êsse nome.

Ela — Mas é preciso enlouquecer com um certo bom senso.

Êle — O seu perfume perturba-me.

Ela — Abra a janela.

Êle — Os seus olhos fazem-me mal.

Ela — Não tenho outros, meu amigo.

Êle — Onde poderei vê-la, falar-lhe?

Ela — Aqui. Diga o que quizer.

Êle — Não me compreende.

Ela — Compreendo-o de mais.

Êle — Veja como as minhas mãos tremem...

ELA — Cuidado. Estão a olhar para nós.

ÊLE — É-me indiferente que olhem.

ELA — Não me é indiferente a mim. *(Depois dum silêncio)* — Está melhor?

ÊLE — De quê?

ELA — Da sua vertigem.

ÊLE — Que vertigem?

ELA — Meu pobre amigo, como todos os homens são lamentávelmente iguais!

ÊLE — Muito menos do que se diz.

ELA — Mas muito mais do que êles julgam.

ÊLE — Está certa de que os conhece bem?

ELA — Faço colecção de sensações.

ÊLE — Eu colecciono apenas caixas de rapé.

ELA — É menos divertido.

ÊLE — Mas não é tão perigoso.

ELA — Sei defender-me.

ÊLE — Julga, então, que me pareço com o primeiro imbecil que passa? Com êsse pobre Visconde de Monfalim, que está olhando para nós?

ELA — Quando chega o instante hediondo da vertigem, não há diferença alguma entre você e êle.

ÊLE — Mas, M.me Balzac, a que chama você «a vertigem»?

ELA — Conhecem-na todas as mulheres que nasceram para ser desejadas. Tenho-a visto muitas vezes, de perto. É êsse momento

súbito de perturbação por que você passou agora, e por que passam infalívelmente todos os homens, cedo ou tarde, junto da mulher que desejam ou da mulher que os excita. Podem ser criaturas bem educadas, homens de espírito como você; em chegando a vertigem, dizem as mesmas coisas idiotas, cometem as mesmas grosserias, as mesmas inconveniências, são tão deploràvelmente parecidos, meu amigo, que ver um, é ver todos. Foi por isso que eu tive, há pouco, pena de si. — Já passou, não é verdade? Podemos continuar a conversar.

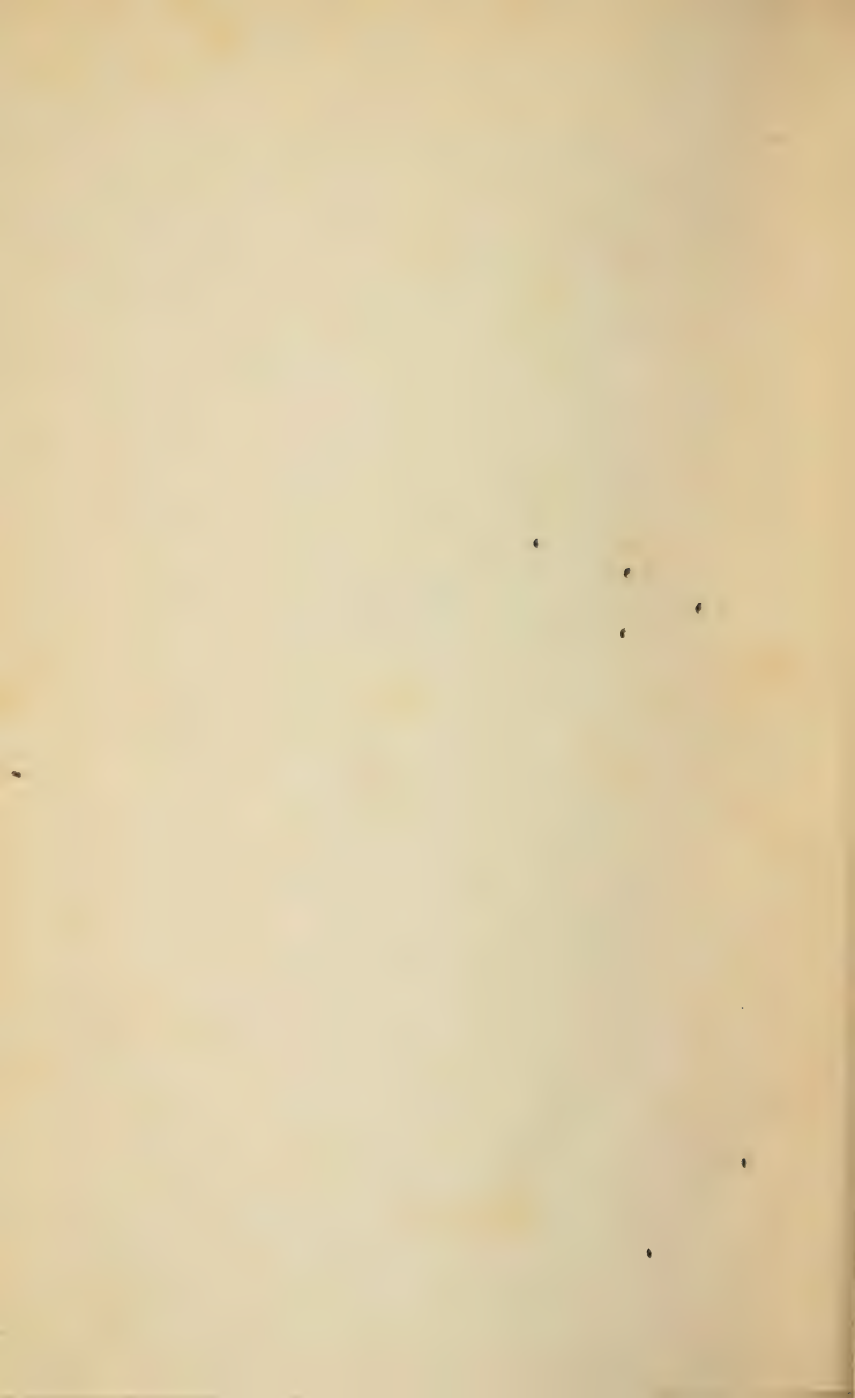
ÊLE — Você sabe que é cruel?

ELA — Então, quando parte para a Itália?

ÊLE — Gostava de ir consigo para Veneza, como Musset.

ELA — Pelo amor de Deus, não me fale em George Sand...

Continuam conversando. Ouvem-se os últimos compassos da valsa.

MOTIVO DE MARIVAUX

MOTIVO DE MARIVAUX

Um jardim, no tempo da senhora D. Maria I. Labirintos de murta e de buxo tosquiado. Caramanchões. Tanques de pedra, como salvas de prata lavrada. Duas figuras, assentadas num banco, conversam. São o mais século XVIII *que se pode imaginar:* MARÍLIA, *dezaseis anos, leque, donaires, um vestido de sêda amarela bordada de flores azùis, os olhos baixos, um sinal ao canto da bôca; o* CONDE, *sessenta anos, «verte-vieillesse», elegante, meias encarnadas, tricórnio debaixo do braço. A tarde. Revôam andorinhas. Através dum pinhal vê-se o poente, como uma grande pincelada de oiro.*

CONDE — Não sabe, então, o que me há de dizer?

MARÍLIA — Não sei.

CONDE — Porque não escuta o seu coração?

MARÍLIA — Êle não me diz nada!

CONDE — Quê? Junto do homem que vai ser seu marido, o seu pequenino coração não palpita?

MARÍLIA — Não, senhor Conde.

CONDE — E se eu não acreditar?

Marília — Dê-me a sua mão. (*Levando-lhe a mão ao seio descoberto*). Vê, como êle está sossegado?

Conde — É porque me acha velho, não é verdade? Pois eu, desde que gosto de si, tenho vinte anos.

Marília — Não sabia que gostava de mim há tanto tempo.

Conde — Maliciosa! Imagina que os velhos não sabem amar? Que só na mocidade há paixão e ternura? Não, minha querida Marília. O outono, como a primavera, também tem as suas flores. — Olhe bem para mim. Acha-me assim tão velho?

Marília — Estive ontem fazendo a conta. Meu avô Marquês, se fôsse vivo, tinha a sua idade.

Conde — A minha idade? (*Sem se desconcertar*) Não imaginei que fôsse tão novo, seu avô. — Quer falar-me com franqueza?

Marília — Eu queria. Mas a senhora minha mãe não deixa.

Conde — Quem pode impedi-la de dizer o que o seu coração sente? — Julga-se feliz por ir ser minha mulher?

Marília — Minha mãe diz que sim.

Conde — Mas não é a opinião da senhora sua mãe que me interessa, Marília. É a sua. Ama-me, ao menos, um pouco?

MARÍLIA — Minha mãe gosta tanto de si!

CONDE — Muito agradecido. — Mas não é bem com sua mãe que eu caso. É consigo.

MARÍLIA — Que pena que não seja com ela!

CONDE — Não é melhor ser minha mulher, do que minha enteada?

MARÍLIA — Acho uma falta de respeito, casar com um homem que podia ser meu pai.

CONDE — Os homens não têm idade.

MARÍLIA — Mas têm as mulheres. — É capaz de responder a uma pergunta que vou fazer-lhe?

CONDE — Sou.

MARÍLIA — Diga-me. Será uma indelicadeza muito grande dizer a uma pessoa que não se gosta dela?

CONDE — Indelicadeza, pròpriamente, não.

MARÍLIA — Não é? Então, sempre lhe digo. Não gosto nada de si.

CONDE — Muito obrigado. Na véspera do nosso casamento, não me parece uma confissão muito animadora. — Sabe, Marília, que a não compreendi ainda?

MARÍLIA — Quer que repita?

CONDE — Não se incomode. Eu ouvi. Lamento apenas que mo tenha dito tão tarde.

MARÍLIA — Porque não me perguntou?

CONDE — Perguntei-o a sua mãe.

MARÍLIA — Não era minha mãe que podia responder-lhe.

CONDE — Tem razão, Marília. Eu, também, não quero constrangê-la a casar comigo.

MARÍLIA — Era uma feia acção.

CONDE — O amor é um sentimento muito nobre e muito elevado para que deva impôr-se a alguém como um sacrifício.

MARÍLIA — Exactamente.

CONDE — Entretanto, minha querida Marília, eu contraí para com a senhora sua mãe um compromisso, e não posso quebrá-lo sem uma forte razão.

MARÍLIA — Que compromisso contraíu o Conde?

CONDE — O de ser seu marido.

MARÍLIA — Eu não me importo que seja meu marido. O que eu não quero é ser sua mulher.

CONDE — Não me parece que faça uma grande diferença.

MARÍLIA — Faz, sim, senhor. Os homens não compreendem estas coisas.

CONDE — A sua candura é tanta como a sua beleza. — Mas oiça, Marília. Quem lhe diz que não virá, mais tarde, a gostar um pouco de mim?

MARÍLIA — Mais tarde está o Conde ainda mais velho.

Conde — Mas está a Marília menos môça.

Marília — Tanto pior para si.

Conde — Sabe que eu fui adorado por todas as mulheres do meu tempo?

Marília — As mulheres já são outras.

Conde — Mas eu sou ainda o mesmo. Sinto dentro de mim todo o ardor da mocidade. As rosas do meu outono reflorescem. Eu tenho vinte anos quando olho para si, Marília.

Marília — E eu, quando olho para si, tenho sessenta.

Conde — Decididamente, não quer dar-me a honra de ser minha mulher?

Marília — Não.

Conde — E que hei de eu dizer agora a sua mãe?

Marília — Diga-lhe que ela é mais bonita do que eu.

Conde — Mas isso não vem a propósito.

Marília — Vem sempre a propósito dizer a uma mulher que é bonita.

Conde — Estou ainda em idade de preferir as filhas às mães.

Marília — Depois, diga-lhe que ela tem uns lindos olhos pretos.

Conde — Os seus são azúis.

Marília — Que ainda não tem quarenta anos...

Conde — Eu?

MARÍLIA — Ela. Que as mulheres do seu tempo faziam loucuras por si...

CONDE — A Marília está brincando.

MARÍLIA — Que se encheram os conventos de raparigas que o Conde abandonou...

CONDE — E depois?

MARÍLIA — Depois, diga-lhe que me pediu a mão dela...

CONDE — Ah!

MARÍLIA — E que eu generosamente lha concedi. Tão generosamente como ela lhe concedeu a minha.

CONDE — Oh!

MARÍLIA, *levantando-se, numa mesura* — Senhor meu padrasto, a sua bênção!

Desaparece, rindo, entre as murtas do jardim.

CONDE — Que lições as crianças nos dão!

OS TRÊS ANÉIS

OS TRÊS ANÉIS

Na montra dum antiquário, entre gravuras, faianças, leques, velhos Sèvres, miniaturas do século XVIII, — *três anéis dormem dentro dum prato de Delft. Um, o 1.º* ANEL, *é uma «marquise» de diamantes, antiga; os outros, duas alianças de casamento, vulgares. O sol inunda a montra. Passa gente. Os três anéis conversam.*

1.º ANEL — Como são tolos os que imaginam que as jóias não falam!

2.º ANEL — E que as jóias não ouvem!

3.º ANEL — E que as jóias não sentem! Para sentir, não é preciso ter coração.

2.º ANEL — As mulheres têm coração, e são incapazes dum sentimento profundo.

3.º ANEL — Nem todas.

2.º ANEL — Conheço eu uma.

3.º ANEL — E eu conheço outra que amou com paixão a vida inteira.

1.º ANEL — As mulheres são todas diferentes.

2.º ANEL — A que eu conheci era tão pró-

diga, que amava dois homens ao mesmo tempo.

3.º ANEL — Era porque não amava nenhum.

1.º ANEL — Teve boa idea, o velho, em nos pôr aqui juntos os três.

2.º ANEL — Ao menos, conversamos.

3.º ANEL — Tu também és um anel de noivado?

2.º ANEL — Sou. Êste é que parece que não é.

1.º ANEL — Também sou. Mas mais antigo. Do tempo em que Colombina sorria. Chamavam-me *marquise*.

3.º ANEL — Avôsinho!

2.º ANEL — Marquês!

1.º ANEL — Que data é essa que tu tens gravada?

2.º ANEL — Dia 20 de Maio. O dia em que ela se casou.

3.º ANEL — O mês em que se casam as rosas. Eu não tenho.

1.º ANEL — Porquê?

3.º ANEL — A eternidade não tem data. E o amor que êles juraram foi eterno.

2.º ANEL — Eu conheço os amores eternos. São os que vivem uma hora.

3.º ANEL — São os que duram tôda a vida.

2.º ANEL — Quando se vive menos do que uma flor. Eu não creio no amor das mulheres.

1.º ANEL — Nem eu no amor dos homens.

2.º ANEL — Quem foi a tua primeira dona?

1.º ANEL — O século XVIII passou há tanto tempo!

3.º ANEL — Mas vou jurar que ainda te lembras dela.

1.º ANEL — Parecia daquelas figuras que Tiépolo pintou. Vinte anos e os olhos azúis. Mandaram-me fazer, para as suas mãos, em diamantes do Brasil. Não creio que algum dia um anel tivesse vivido em mãos tão belas.

2.º ANEL — Mãos delicadas, de loira?

1.º ANEL — Mãos de florentina, nobres e grandiosas. Mãos feitas para os gestos soberanos e para as grandes paixões. Mãos senhoriais, vagamente doiradas, longas como flores-de-lis. Nunca mais vi mãos como aquelas. As suas carícias tinham o ar altivo de quem protege e ampara. O contacto dos seus dedos parecia o de um veludo quente. Nêles vivi um ano. Fui, durante êsse ano, o confidente da sua felicidade. Depois, o marido abandonou-a, fugiu com outra mulher para Flandres, correu terras, e veio a morrer num duelo, em Veneza, na praça de S. Marcos. Não há perda que se sinta tão pouco e tão vivamente, como a duma mulher amada. Não há perda que se chore com uma dor tão permanente e tão profunda, como a dum homem que se amou. Quando soube da morte do marido,

Ana Maria (era o seu nome) amortalhou-se num hábito branco de carmelita e deixou o mundo. As freiras não podem conservar as suas jóias. Venderam-me, — e eu separei-me para sempre daquelas mãos de deusa, orgulhosas e solenes como as de Monna Lisa Gioconda.

2.º ANEL — E é por isso que tu estás aqui?

1.º ANEL — Estou aqui porque ela professou.

3.º ANEL — Nem sempre são as mulheres que enganam.

2.º ANEL — Quási sempre. Deus criou as mulheres porque era precisa a mentira.

1.º ANEL — E a tua dona quem foi?

2.º ANEL — Vês aquela boneca de Sèvres? Era assim.

3.º ANEL — Estiveste muito tempo em poder dela?

2.º ANEL — Seis meses, só. Tinha umas mãos de má, pequeninas e cruéis. Mãos que nunca souberam acariciar, que nunca souberam suplicar, — que arranharam e feriram sempre. Só as loiras têm mãos assim, mãos finas de mentirosa e de perversa, que parecem abertas numa concha de nácar côr-de-rosa. Sentia-se frio, ao pé delas. Eram translúcidas, nervosas, pálidas, sulcadas de veias azúis, duma mobilidade inquieta e duma voluptuosidade penetrante. Se dentro dessa mulher havia

alguma coisa de parecido com uma alma, — essa alma vivia-lhe nas mãos. Casou. O marido amava-a como se amam todas as mulheres funestas. Encontrei-me nas mãos dela. Respirei durante seis meses a atmosfera morna do seu perfume, vivi na intimidade fútil da sua existência, ouvi as suas mentiras, assisti às suas crueldades, e não me lembro de que aquelas mãos frias, de porcelana, se tivessem alguma vez unido para rezar. Uma noite, na sombra do jardim, o homem fatal apareceu. Pouco tempo depois, Maria Luísa fugia com êle. De todas as suas jóias, fui eu — a sua aliança de casamento — a única que ela deixou, com um ramo de flores sêcas, no fundo dum velho cofre de Limoges. Venderam-me, e, daí por diante, eu e ela temos andado por muitas mãos.

1.º ANEL — Estás aqui porque ela foi pérfida.

2.º ANEL — Estou aqui porque ela fugiu.

3.º ANEL — A estas horas, coitada, talvez tenha andado por piores mãos do que tu.

2.º ANEL — Nós, pobres anéis de noivado, vivemos o tempo que vivem as rosas.

1.º ANEL — Quando o amor morre, somos atirados para um canto.

2.º ANEL — Vendidos a pêso.

1.º ANEL — Ainda há de vir o primeiro de nós que tenha conhecido o verdadeiro amor.

3.º ANEL — Sei eu de um.

2.º ANEL — O amor que resiste à mentira, à saciedade, ao abandôno? Quem o conhece?

3.º ANEL — Eu.

1.º ANEL — Tu?

3.º ANEL — Vivi quarenta anos na mesma mão de mulher. Uma mão plácida, bondosa, carinhosa, que não era bela, — mas que sabia afagar e perdoar. Há na vida mãos que têm a doçura consoladora dum bálsamo, que são sempre maternais, mesmo quando amam com a paixão dos vinte anos. Eu tive a fortuna de encontrar umas mãos assim. Vi-as môças, — orar, trabalhar. Vi-as envelhecer na adoração dum homem, murchar, ressequir como flores, tranqüilas, felizes, beijadas, adoradas sempre. Vi-as, por fim, cruzadas sôbre um crucifixo, dormindo na beatitude do último sono. E, até à morte, nunca as abandonei.

1.º ANEL — Então tu conheceste o amor?

2.º ANEL — Fui o mais feliz dos três. Estou aqui — porque ela morreu.

NOIVOS

NOIVOS

Num terraço do Casino do Monte-Estoril. Quatro horas. Atmosfera imóvel, luz ofuscante. Sentados em cadeiras de palha, dois noivos. Ela, dezoito anos, irrequieta, magra, autoritária, olhos azúis, "beauté du diable", pequeninos pés espertos, calçados de camurça branca: chama-se Vitória e chamam-lhe BIBI. *Êle, vinte e cinco anos, loiro, espêsso, fleugmático, tipo inglês, alpercatas, raquette: tôda a gente o trata por* D. JOSÉ. *Despreocupação, familiaridade. O sexteto toca as «Dansas húngaras», de Brahms. Vai saindo um paquete holandês. A enseada esplende.*

BIBI, *depois dum silêncio* — Ouve cá.

JOSÉ — O que é?

BIBI — Então nós sempre nos casamos àmanhã?

JOSÉ — Parece que sim.

BIBI — E a gente não combina nada?

JOSÉ — Está tudo combinado.

BIBI — Por quem?

JOSÉ — Pelos nossos pais.

BIBI — Mas não são êles que se casam, somos nós.

José — E então?

Bibi — Precisamos de combinar como isto é.

José, *rindo* — É assim mesmo.

Bibi, *num arremêsso* — Ora!

Silêncio. Êle brinca com a raquette. Ela bate o pé. Passa um automóvel na estrada.

José, *cinco minutos depois* — Sabes?

Bibi — Hein?

José — Chegou ontem o *team* escocês.

Bibi — Qual *team?*

José — O do Third Lanarck. O *match* é depois de àmanhã.

Bibi — Tens pena de não jogar?

José — Assim, assim. Eu era o *goal keeper.*

Bibi — Então, vai.

José — Não posso.

Bibi — Porquê?

José — Porque nós casamos na véspera.

Bibi — Então que tem o casamento com o *foot-ball?*

José — Tem muito. Parece mal não ficar ao pé de ti.

Bibi — Mas quem te manda ficar?

José — É costume.

Bibi — Olha que eu não quero que tu estejas sempre metido em casa.

José — Não queres?

Bibi — Não.

José — Então, não estou.

Bibi — Quero que saias todos os dias.

José — Pois sim.

Bibi — E eu também.

José — De-certo.

Bibi — Liberdade plena.

José — Combinado.

Bibi — Lá por gostarmos um do outro, não havemos de andar tôda a vida agarrados.

José — Pois não.

Bibi — *Chacun sa vie.*

José — Pois sim.

Bibi — Eu não caso para estar prêsa.

José — Pois não.

Bibi — Caso para ter liberdade.

José — Pois sim.

Bibi — Para viajar.

José — De-certo.

Bibi — Para viver.

José — Está claro.

Bibi — E tu também.

José — E eu também.

Bibi — E ficas sabendo que não me dás sentenças sôbre os meus vestidos.

José — Pois não.

Bibi — Hei de vestir-me como quiser.

José — Pois sim.

Bibi — E usar as saias curtas.

José — Pelos joelhos.

Bibi — E receber uma vez por semana.

José — Ou duas.

Bibi — E tu escusas de estar em casa quando eu receber as minhas amigas.

José — Pois não.

Bibi — Porque as minhas amigas são minhas, não são tuas.

José — Pois sim.

Bibi — Fica combinado que não damos contas da nossa vida um ao outro.

José — Pois não.

Bibi — E que nos maçamos o menos possível.

José — Pois sim.

Bibi — E que tu não me dás beijos senão quando eu quiser.

José — Pois não.

Bibi — E estão proïbidas as scenas de ciúmes.

José — Pois sim.

Bibi, *enervada pela fleugma do noivo* — Não dizes senão pois sim, pois não!

José — É para não te contrariar.

Bibi, *vivamente* — Mas eu quero ser contrariada. Pronto.

José — Então, pois sim.

Bibi — Fazes-me mal aos nervos...

Novo silêncio. Ela volta-lhe as costas. Êle, impassível, continua a brincar com a raquette. Os chalets da margem, como manchas de oiro, scintilam. Ouve-se gritar um pavão.

JOSÉ, *dez minutos depois* — Olha cá, ó Bibi.
BIBI — Que é?
JOSÉ — Tudo isso que tu disseste é a sério?
BIBI — Pudera.
JOSÉ — Palavra?
BIBI — Palavra.
JOSÉ — Tu queres assim?
BIBI — Quero.
JOSÉ — Plena liberdade?
BIBI — Plena liberdade.
JOSÉ — E sem ciúmes?
BIBI — Sem ciúmes.
JOSÉ — Pensa bem.
BIBI — Já pensei. Eu não me caso para me maçar, caso-me para me divertir.
JOSÉ — Então, está combinado.
BIBI — Está combinado.
JOSÉ — És uma noiva ideal!
BIBI, *volúvel* — Vamos jogar o *tennis?*

Descem a escada, rindo.

Quinze dias depois. Em casa dos pais de BIBI. *Uma sala Luís XVI, amarelo-palha, oiro, Jémont.* BIBI, *que acaba de chegar, cai nos braços da* MÃE. *Vem triste, desbotada, chorosa. Beijam-se. Conversam.*

A MÃE — Mas que tens tu, minha filha?

BIBI — Nada.

A MÃE — Porque choras?

BIBI — Não sei.

A MÃE — Não és feliz?

BIBI — Não.

A MÃE — Porquê?

BIBI — Porque não sou.

A MÃE — Não casaste por tua livre vontade?

BIBI — Casei.

A MÃE — Não gostas do teu marido?

BIBI — Gosto muito.

A MÃE — Então, porque não és tu feliz?

BIBI — Porque êle não gosta de mim.

A MÃE — Que idea!

BIBI — Não gosta.

A MÃE — Êle não vê outra coisa!

BIBI, *impaciente* — Não gosta. Pronto.

A MÃE — Então porquê?

BIBI — Nunca pára em casa.

A MÃE — Só por isso?

BIBI — Deixa-me todo o dia sòzinha.

A MÃE — Tem os seus afazeres.

BIBI — Diz-me que não se casou para se maçar.

A MÃE — É natural.

BIBI — Não me dá contas da sua vida.

A MÃE — É homem.

BIBI, *lavada em lágrimas* — Passam-se dias em que não me dá um beijo.

A MÃE — Sim?

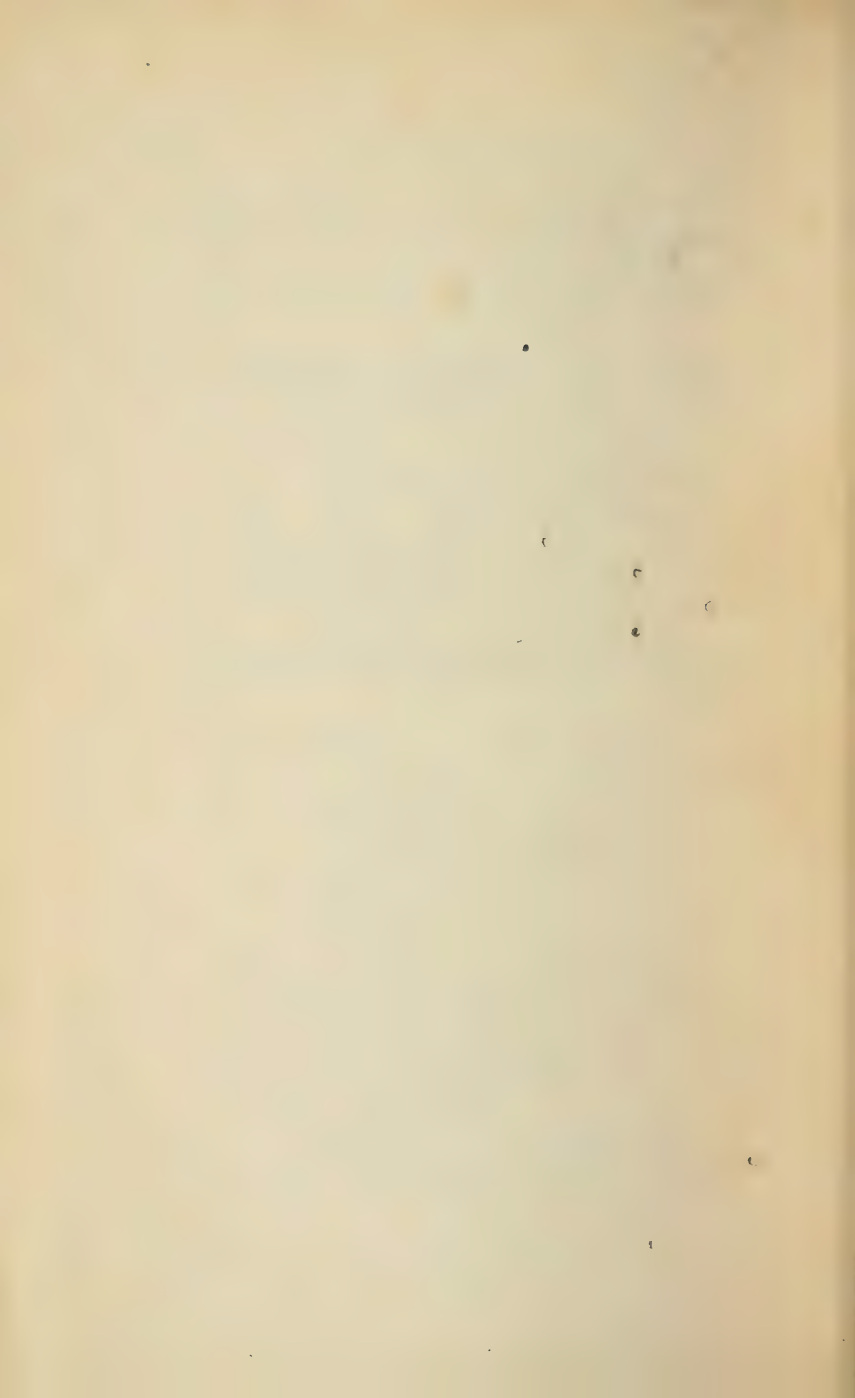
BIBI — E eu tenho ciúmes dêle...

A MÃE, *rindo* — Ah!

BIBI — Porque é que a mamã se ri?

A MÃE — Como o casamento te fêz bem!

BIBI — ?

A MÃE — Como tu estás mudada, minha filha!

GENTE COMPLICADA

GENTE COMPLICADA

*Em casa dos Condes de ***, à uma e meia da noite. O Conde, homem de cincoenta anos, grisalho, distinto, a gola do "pardessus„ levantada, bate à porta do quarto da Condessa. Brilham-lhe os olhos ; a face, crispada, é duma palidez inquietante. Silêncio. A marcha dum grande Arraiolos azul alastra na parede.*

ÊLE — Helena...

UMA VOZ DE MULHER — Quem é?

ÊLE — Sou eu.

A VOZ — Que quer?

ÊLE — Peço-lhe o favor de abrir.

A VOZ — Estou recolhida já.

ÊLE — Tenho muita necessidade de falar-lhe.

A VOZ — Espere um instante.

Dois minutos depois, a porta abre-se. Adivinham-se, vagamente, um roupão branco, o clarão rosado dum braço nu, uma cabeça loira de mulher.

ÊLE — Helena?

ELA — O que é?

Êle — Permite-me que fique esta noite no seu quarto?

Ela — Que fantasia a sua! Sabe que não tem o direito de me fazer êsse pedido.

Êle — Sei. É por isso que lho suplico, Helena.

Ela — Não.

Êle — Deixe-me, ao menos, conversar consigo um momento.

Ela — Amanhã.

Êle — Tem de ser hoje.

Ela — Preciso de repousar. Estou doente.

Êle — Recorro a si, numa hora dolorosa da minha vida, como recorreria a minha mãe. Eu sofro, Helena...

Ela — Entre.

Um quarto de dormir. Vieux-rose. Império inglês. Aos pés da cama, um sofá onde Êle *cai, soluçando.*

Êle — Sou um desgraçado!

Ela — Que quer?

Êle — Receio ficar só no meu quarto. Tenho mêdo de mim.

Ela — A sua vida é por tal forma inconfessável, que eu não sei se devo interrogá-lo.

Êle — Tem razão. Fui um doido.

Ela — Perdeu ao jôgo?

Êle — Não.

ELA — Precisa de dinheiro?

ÊLE — Nunca lho pedi.

ELA — Que quer de mim, então?

ÊLE — A sua compaixão, apenas.

ELA — Já estou cansada de me compadecer de si.

ÊLE — Um peito amigo, para encostar a cabeça. Sabe lá como eu sofro!

ELA — Não fui eu que o fiz sofrer.

ÊLE — Tu foste sempre generosa e boa. Mas a vida tem sido implacável para mim.

ELA — A culpa é sua.

ÊLE — Eu não tenho culpa de ter coração de mais.

ELA — Houve na sua vida algum desastre que eu possa remediar?

ÊLE — Não. Não tem remédio.

ELA — Nesse caso, não temos nada mais que dizer um ao outro. — Estou fatigada. Boa noite.

ÊLE — Expulsas-me do teu quarto?

ELA — Não me obrigue a lembrar-lhe que não tem o direito de estar aqui.

ÊLE — Eu não invoco um direito. Eu apelo para o teu coração. Deixa-me passar esta noite ao teu lado. Numa poltrona, seja onde for. Não te incomodarei. Eu tenho mêdo de ficar sòzinho. Eu preciso de sentir alguém ao pé de mim...

Ela — E é isto um homem!

Êle — Deixei a minha pistola sôbre a cama. Tenho mêdo de voltar ao quarto.

Ela — Que foi? Que tens tu? Que loucura fizeste tu mais?

Êle — Queria que fôsses minha irmã, para poder chorar nos teus braços...

Ela — Sou tua mulher. — Que se passou? Dize.

Êle — Há três anos que cessou tôda a intimidade entre nós, Helena.

Ela — E então?

Êle — Vivemos aparentemente juntos; mas ninguém ignora que somos dois estranhos.

Ela — E depois?

Êle — Foi o justo castigo das minhas loucuras. Tu podias impor-mo; eu podia aceitá-lo. Mas não estava na minha mão subtrair-me às paixões próprias de um homem.

Ela — Eu conheço a tua falta de senso moral.

Êle — Cada um de nós passou a viver a sua vida. Concedemo-nos mútua liberdade. Era natural, Helena, que eu tivesse criado outros afectos...

Ela — Vem a esta hora para o meu quarto falar-me das suas amantes, não é assim?

Êle — Venho falar-te da minha vida, mais uma vez desfeita.

Ela — Há nas mulheres um sentimento que se chama dignidade, e que os homens parecem desconhecer.

Êle — Há apenas paixões humanas. Nada mais.

Ela — Pois bem. Os seus novos afectos que o oiçam. — Estou doente. Agradeço-lhe o favor de me deixar só.

Êle — Tu não sabes em que estado de espírito eu me encontro. Se soubesses, não terias a crueldade de me repelir.

Ela — Queres que eu seja a confidente dos teus desvarios? Quem és tu, ou quem julgas tu que eu sou?

Êle — Não tenho, neste momento, mais ninguém no mundo. Tenho-te só a ti.

Ela — Nós somos dois conhecidos, apenas.

Êle — Dois conhecidos que, por mais separados que vivam, não podem ser completamente estranhos um ao outro.

Ela — Foi a mulher com quem vives que te fugiu, não é verdade? Eu já o sabia. Essas coisas sabem-se sempre, mesmo quando não se perguntam.

Êle — Atraiçoou-me.

Ela — É preciso que tenhas perdido inteiramente a noção da delicadeza moral, para mo vires dizer a mim!

Êle — Nunca soube o que era um lar feliz.

Ela — Todos os míopes de sentimento, como tu, são incapazes de interessar, de prender uma mulher. Nasceram para ser abandonados, para ser enganados...

Êle — Ainda sou capaz de chorar, Helena!

Ela — Vens chorar ao pé da tua mulher legítima as amantes que te fogem. Está dito tudo. Está definido um carácter. E eu sou tão desprezível como tu, porque ainda não te puz fóra do meu quarto.

Êle — Ela deixou-me um filhinho.

Ela — Que tenho eu que ver com a tua vida?

Êle — Um inocente de cinco meses, que nasceu para expiar os erros que eu cometi. Atirou-mo para os braços, há um momento, quando a surpreendi com outro homem. Era a minha última esperança de felicidade e de família. Era o meu último lar. Está desfeito para sempre, Helena. Essa pobre criança ficou, por caridade, em casa do cocheiro que me trouxe. E tudo, na vida, se acabou para mim...

Ela, *depois de uns minutos de silêncio, levantando a sua bela cabeça loira* — A carruagem está aí?

Êle — Está.

Ela — Vai buscar o teu filho.

ROMANTISMO

ROMANTISMO

Pequena sala Império, em casa duma elegante da Lisboa de 1848. Acajú e bronze doirado. Paredes armadas de gorgorão amarelo. Gravuras. Sôbre uma credência, um cofre de Limoges, com jóias. A FILHA, *vinte anos, grandes olhos azúis, nervosa, vestida de baile, organdi branco com rosas brancas, um fio de pérolas ao pescoço, acaba de levantar-se do seu canapé Récamier. Entra a* MÃE, *fina, grisalha, veludo roxo, botões de prata, mangas à quaker, distinção, raça. Uma* CRIADA *segue-a. O relógio marca as onze horas da noite.*

A FILHA — Ainda bem que veio, minha mãe. (*Á* CRIADA) O chaile.

A MÃE — Mas que foi?

A FILHA — Perdôe-me tê-la incomodado a estas horas. Passa-se alguma coisa de grave na minha vida, e eu preciso de si.

A MÃE — Não vais ao baile da Marquesa de Penafiel?

A FILHA — Cheguei a vestir-me, mas não vou.

A Mãe — Teu marido foi?

A Filha — Foi.

A Mãe — É dêle que se trata?

A Filha — É. Estou resolvida a sair de casa, para nunca mais voltar. (*Pegando no cofre)* Levo apenas as minhas jóias. (*Atirando sôbre os ombros nus o chaile de cachemira vermelha que traz a* Criada) A mamã veio na sua carruagem?

A Mãe — Mas que foi que se passou?

A Filha — Digo-lhe pelo caminho. Vamos.

A Mãe — Não, minha filha. Prezo muito a tua felicidade para te deixar cometer um acto de que te arrependerias com certeza àmanhã. Uma mulher com a tua educação e os teus sentimentos religiosos, não abandona o seu marido e o seu lar sem ter para isso uma forte razão.

A Filha — Mas a mamã ignora os motivos que eu tenho!

A Mãe — Ignoro-os, sim, minha filha. É por isso que estou decidida a não sair daqui sem os saber.

A Filha — Sou uma mulher casada. Tenho já idade bastante para deliberar por mim.

A Mãe — Nesse caso, para que me mandaste chamar?

A Filha — Decidi ir-me embora, — e vou.

A Mãe — Irás sòzinha, porque eu não te

acompanho nesse acto de loucura. (*Sentando-se*) Ouve, minha filha. Sossega os teus nervos. Eu também já tive vinte anos e já passei por estas crises. Que foi que o António te fêz?

A FILHA — Ofendeu-me.

A MÃE — Disse-te alguma coisa que te magoasse?

A FILHA — Não.

A MÃE — Foi menos gentil, menos delicado para ti?

A FILHA — Também não.

A MÃE — Então, porque dizes tu que êle te ofendeu?

A FILHA, *caindo no canapé, sufocada, o lenço nos olhos* — O meu marido engana-me, minha mãe!

A MÃE — Minha pobre filha! Pois era só isso?

A FILHA — A mamã acha pouco? Casada há onze meses, dizem que não sou feia, e ser enganada assim, indignamente, por um homem que tem a coragem de me beijar, de me acariciar, de me mentir a tôda a hora!

A MÃE — Vês? Ao menos, beija-te, é gentil contigo, — engana-te o mais delicadamente que pode, coitado. Eu sempre disse que êle era um bom rapaz.

A FILHA — Pois a mamã acha bem o que êle fèz? A mamã defende-o?

A Mãe — Eu acho muito mal, minha filha. Mas que queres tu, se todos os maridos enganam? Eu também fui nova e bonita, e teu pai não fêz outra coisa senão enganar-me tôda a sua vida. Olha, agora é com uma dançarina de S. Carlos.

A Filha — Porque a minha mãe consente, porque a minha mãe não se revolta, como eu me revolto!

A Mãe — Enganas-te...

A Filha — Antes voltar para o meu pequeno quarto de solteira, do que viver mais uma hora só com meu marido!

A Mãe — Chorei muita lágrima, pensei em fazer as mesmas loucuras que tu queres fazer agora. Mas a tua santa avó foi caridosa para mim, amparou-me, aconselhou-me com todo o seu amor de mãe, — e eu acabei por me habituar, como todas nós nos habituamos, como tu te hás de habituar também, minha pobre filha, porque nós não nascemos senão para amar e para ser enganadas.

A Filha — Mas a mamã está convencida de que não há nenhum marido fiel?

A Mãe — Estou convencida de que há espôsas fiéis. Mais nada.

A Filha — Então o meu marido há de enganar-me sempre?

A Mãe — Há de divertir-se, como todos.

Mas as aventuras passam e nós ficamos. É essa a nossa grande fôrça, minha filha. Nenhum dos seus desvarios tem conseqüências, porque não interessam o coração. São faltas veniais, são fraquezas de homem, pecados mais da sensibilidade do que do sentimento, que desaparecem como a espuma numa taça de *Champagne*. Que havemos nós de fazer? Fechar os olhos, ser generosas, sorrir, — e perdoar. Pois tu não achas que eu tenho razão, minha filha?

A FILHA — Estou pronta a perdoar a todos os maridos infiéis, — menos ao meu.

A MÃE — Mas, afinal, que motivos tens tu para afirmar que êle te engana? Tu surpreendeste-o com alguém?

A FILHA — Não.

A MÃE — Encontraste alguma carta?

A FILHA — Também não.

A MÃE — Disseram-te alguma coisa dêle? As nossas melhores amigas são sempre interessadas em indispor-nos com os nossos maridos...

A FILHA — Ninguém me disse nada.

A MÃE — Então, com franqueza, não compreendo.

A FILHA — Tenho suspeitas.

A MÃE — Isso não basta. Mas de quem?

A FILHA — De tôda a gente. Êle ri-se para

todas as mulheres, fala com todas as mulheres, todas as mulheres andam atrás dêle. É um escândalo. É o ridículo sôbre mim. E eu não suporto esta situação. Sou muito nova e muito orgulhosa para me prestar a ser ridícula!

A Mãe — Isso prova apenas que êle é um bonito rapaz...

A Filha — Mas é meu.

A Mãe — Os defeitos que as mulheres repreendem nos homens, são exáctamente aqueles de que elas gostam mais. Não me recordo de quem disse isto.

A Filha — A mamã não viu ontem, no Passeio Público, a côrte que lhe fazia aquela rapariga vestida de moiré Ninon?

A Mãe — Eu nunca reparo para essas coisas, minha filha.

A Filha — A mamã bem viu. Aquela que parecia inglêsa, com uma cruz de Malta de diamantes ao pescoço. Sabe quem era? Era a Chica Penalva, com quem êle esteve para casar. Já a minha mãe vê que eu tenho razão.

A Mãe — Mas que te importa, se êle não casou com ela, casou contigo?

A Filha — Foi pena que não tivesse casado com ela, que era para eu o namorar agora à minha vontade.

A Mãe — És uma criança, minha filha! Foi

então por isso que tu te zangaste com o António?

A Filha — Zanguei-me porque êle foi ao baile da Marquesa de Penafiel.

A Mãe — E porque não foste tu também?

A Filha — Quando estava a pôr as minhas pérolas ao espêlho, êle disse-me que me aviasse, porque a Chica Penalva ia cantar a *Gazza Ladra,* e êle queria ouvi-la. Fiz-lhe uma scena horrorosa, minha mãe. Chorei, arrepelei-me, quebrei uma jarra de flores, declarei-lhe que não saía de casa, que não ia a baile nenhum, que não ia a parte nenhuma. Êle não se importou, calçou as luvas, riu-se, teve o descaramento de me dar um beijo, pôs o chapéu na cabeça, e foi ao baile sem mim. Já a mamã vê que é irremediável. Está tudo acabado entre nós.

A Mãe, *sorrindo, dissimuladamente* — Com certeza.

A Filha — Não posso ficar nem mais uma hora ao pé dum marido que me engana.

A Mãe — Sem dúvida.

A Filha — Só me resta o meu pequeno leito de solteira, em casa de meus pais.

A Mãe — Também me parece.

A Filha — Recolho-me, talvez, a um convento...

A Mãe — É a minha opinião.

A Filha, *soluçando, o lenço nos olhos* — Como eu sou desgraçada!

Abre-se, de manso, a porta da sala. António *aparece, vestido de baile, casaca de abelha, verde-bronze, gravata à Malibran, colete de papo, bordado a oiro, um Murillo debaixo do braço; troca um olhar de inteligência com a* Mãe; *vem, pé-ante-pé, por detrás da mulher que o não pressente, e, num movimento súbito, beija-lhe os ombros nus.*

A Filha, *lançando os braços amorosos ao pescoço do marido* — Porque tardaste tanto, meu amor?

A Mãe — Meus filhos, boa noite!

UM DRAMA EM TRÊS MINUTOS

UM DRAMA EM TRÊS MINUTOS

Uma sala-escritório. Estilo inglês. "Bow-window" com um vitral que poderia ser de Gaudin. Larga mesa de trabalho coberta de livros, de papéis em desordem; flores, numa faiança de Bolonha; telefone. Num fauteuil, o VISCONDE DE PAÇO DE SOUSA, *quarenta anos, elegante, grisalho, fisionomia sêca e dura, folheia uma revista. A* VISCONDESSA, *loira, grave, os trinta anos esplêndidos de Balzac, aparece, pronta para sair, um vestido ligeiro de kasha azul, os braços nus.*

VISCONDE — Vais sair?

VISCONDESSA — Vou.

VISCONDE — Mandaste buscar o automóvel?

VISCONDESSA — Não me disseste que precisavas dêle?

VISCONDE — Tenho de ir ao Banco. Mas posso levar-te comigo.

VISCONDESSA — Não é preciso. Dou a volta, a pé.

VISCONDE — A pé, com os braços nus dessa maneira?

Viscondessa — Não tenho culpa de que se use assim.

Visconde — As modas escolhem-se. Ao menos, calça umas luvas altas.

Viscondessa — Com êste calor? (*Dando-lhe a mão a beijar*) Adeus.

Visconde, *retendo-a* — Onde vais?

Viscondessa — Arranjar flores. Ver a Guida, que está doente. Depois, aproveito, é ali perto, deixo bilhetes na legação de França. Queres que leve bilhetes teus, também?

Visconde — Pois sim. (*Olhando-lhe as mãos*) Não te conhecia êste anel.

Viscondessa — É o da mamã. Estás farto de mo ver.

Visconde — Talvez. (*Tocando num botão de campainha*) Saímos juntos. Eu mando buscar o automóvel.

Viscondessa — Não. É uma maçada. Prefiro ir a pé.

Visconde — Como quiseres.

Viscondessa — Até logo.

Visconde — Até logo.

Criado, *entrando, pouco depois da* Viscondessa *sair* — V. ex.ª chamou?

Visconde, *voltando a ler, afundado no Maple* — Não é preciso nada.

A janela dum alfaiate elegante. Dois rapazes conversam, vendo quem passa: AFONSO, *vinte e cinco anos, inglesado, glabo, infantil, pulseira de oiro, chapéu de palha para a nuca ;* BARRADAS, *pastoso, oleoso, precocemente calvo, tipo de quem tem dentro de si "un cochon qui sommeille". A luz doirada do Chiado, às 7 horas.*

BARRADAS — E quando é o *match?*

AFONSO — Para a semana. O meu *team* é magnífico. Tudo gente de fôrça.

BARRADAS — Quem é o *goal keeper?*

AFONSO — Sou eu. Dá cá um cigarro. Vim fazer dois pares de calças brancas. *(Chamando, para dentro)* Ó Amaro! — Estes diabos são capázes de me pedir um conto de réis.

BARRADAS — Que rica mulher que ali vem! Conheces aquilo?

AFONSO — Aonde?

BARRADAS — Ali, vestida de azul, com os braços nus. Há de ser uma belga, que aí anda.

AFONSO — Parece a Paço de Sousa.

BARRADAS — É um Rubens, caramba!

AFONSO — É a Paço de Sousa, é. Não a conheces?

BARRADAS — Conheço o marido.

AFONSO — Não é bem a mesma coisa.

BARRADAS — Eu ainda vou pelas loiras. Olha

aquela pele! E sabe andar, sabe pisar, vês tu?

AFONSO — Nesta música do amor, uma loira vale duas trigueiras. Não sei quem disse isto. Fiz muito *tennis* com ela. A avó era inglêsa.

BARRADAS — Patife!

AFONSO — Qual história! Porta-se bem. O marido tem tanta sorte como isso tudo. — Ainda mas há de pagar, aquele tipo.

BARRADAS — Que é que êle te fêz?

AFONSO — Que é que me fêz? Foi êle que me pôs fora do Banco. — Estive para lhe partir a cara.

BARRADAS — Havia de ser difícil, porque êle é duro.

AFONSO — Tenho seis anos de *box*. — O que me consola é que o Visconde passa uma vida negra com ciúmes da mulher.

BARRADAS — Para onde irá ela, agora?

AFONSO — Vai para casa. Moram às Chagas. *(Para dentro, a uma criatura frisada, sem sexo, uma flor na botoeira, um corte de fazenda na mão)* Ó Amaro! Tens telefone?

AMARO — Ali, à esquerda, senhor D. Afonso.

BARRADAS — Que vais tu fazer?

AFONSO — Vou pregar um susto a êsse cavalheiro.

BARRADAS — Vê se êle te conhece a voz.

AFONSO — Vou dizer-lhe que a mulher está

a chegar a casa, e que não se esqueça de lhe perguntar donde ela vem.

BARRADAS — Tem cuidado. Olha que êle é um homem perigoso.

AFONSO, *já na cabine* — Bem me importa! *(Ao telefone)* Central, 7695...

Minutos depois, em casa do VISCONDE DE PAÇO DE SOUSA. *O vitral da "bow-window„ projecta-se, num clarão vermelho, sôbre a mesa, sôbre o parquet. Uma cadeira caíu. Há papéis pelo chão.*

VISCONDE, *pálido, as mãos trémulas, ao telefone* — Donde foi que falaram para cá? Sim, agora mesmo. O número. Diga-me o número. Não sabe? Então não sabe donde falaram? Bem. Está bem. *(Pousa o auscultador)* Canalhas! *(Passeia, agitado; de novo, ao telefone)* Norte, 721. Está lá? É de casa da Guida? Sim, sou eu. Esteve aí a Alice? Não esteve? Com certeza? Bem. Adeus. *(Desliga, para ligar outra vez)* Legação de França. *Allô?* Está ainda aí a senhora Viscondessa de Paço de Sousa? Não esteve lá? Obrigado. *(Ouve um ruído; pousa o auscultador; toca a campainha, o* CRIADO *aparece)* Foi a senhora Viscondessa que entrou? Peça-lhe o favor de chegar aqui.

VISCONDESSA, *assomando, num sorriso* — Afinal, não arranjei flores.

VISCONDE — Donde é que tu vens?

VISCONDESSA — Mas que tens tu?

VISCONDE — Responde. Donde vens?

VISCONDESSA — De casa da Guida.

VISCONDE — Mentes! Não estiveste lá.

VISCONDESSA — Mas tu endoideceste, Jorge?

VISCONDE, *agarrando-a* — De onde vens tu?

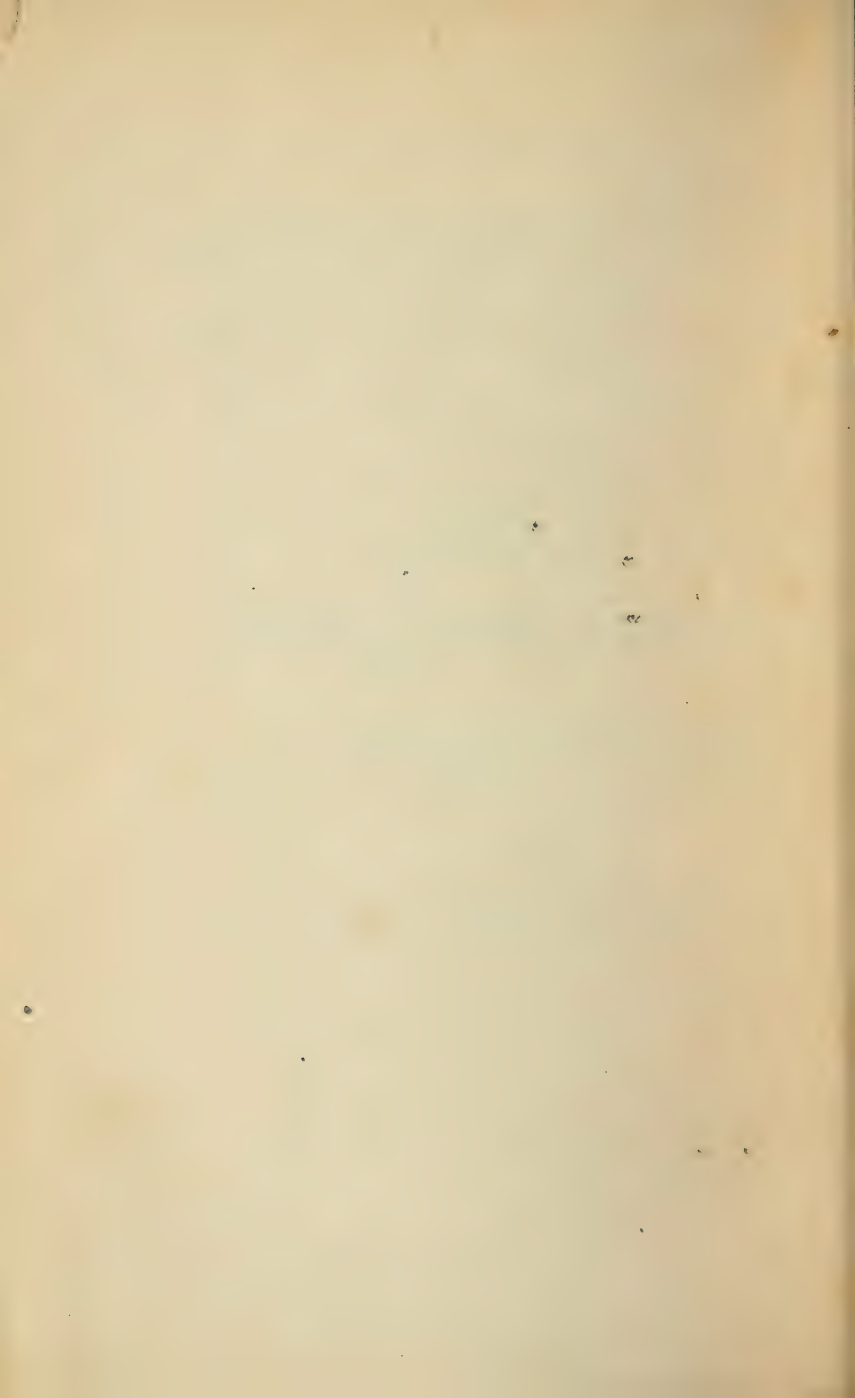
VISCONDESSA — Larga-me!

VISCONDE — Por onde andaste tu a envergonhar-me a cara?

VISCONDESSA, *libertando-se e correndo para a porta* — Socorro!

Um revólver scintila nas mãos dêle. Ouve-se um tiro. Uma faiança estilhaça-se. Soam campaínhas eléctricas O corpo de Alice cai, de bruços, na soleira da porta

VISCONDE, *resvalando, como um farrapo, sôbre o fauteuil* — E se ela estava inocente?

MOTIVO DE ARISTÓPHANES

MOTIVO DE ARISTÓPHANES

Em casa de BLÉPYRO, *honesto magistrado de Atenas.* PRAXÁGORA, *espécie de Mrs. Pankurst, de Miss Richardson do* V *século, acaba de proclamar na Ágora o govêrno das mulheres, e, investida na magistratura suprema, vem, de "pallium" amarelo, báculo e sapatos lacónios, como um homem, expor ao marido os seus planos governamentais.* BLÉPYRO *ouve-a cheio de assombro, coroado de violetas como um bom ateniense. O sol esplende. No céu azul recorta-se a Acrópole, branca, eriçada de ciprestes negros.*

BLÉPYRO — Isso não tem pés nem cabeça! Então, quem nos governa agora são as mulheres?

PRAXÁGORA — Governamos, e vamos reformar as leis.

BLÉPYRO — Reformar as leis?

PRAXÁGORA — É preciso que todas as riquezas sejam comuns, que tôda a gente viva da mesma maneira, que todos partilhem de tudo. Nunca mais haverá gente rica nem gente mi-

serável. Serão comuns todas as heranças, todo o dinheiro e tôda a propriedade. Com os bens comuns, nós, as mulheres, vestiremos e alimentaremos todos os homens.

Blépyro — E aqueles que não tiverem nem heranças nem propriedades?

Praxágora — Serão tão ricos como os outros.

Blépyro — E os que tiverem dinheiro e outras riquezas ignoradas de tôda a gente?

Praxágora — Hão de trazê-las para o bôlo comum.

Blépyro — E se o não fizerem?

Praxágora — Serão perjuros.

Blépyro — Por cem talentos de oiro vale a pena perjurar!

Praxágora — Valeria a pena, se o dinheiro servisse para alguma coisa.

Blépyro — Não serve?

Praxágora — Desde que nós lhes damos tudo quanto o dinheiro pode dar, de que vale o dinheiro? Nunca mais haverá gente pobre. Tudo será de todos. Pão, vinho, túnicas, calçaduras tirrénias, oiro e frutos, corôas e árvores. Ninguém guardará a moeda desde que ela seja inútil. — Mas tu de que te ris?

Blépyro — E se um homem vir na Ágora passar uma mulher bela e quiser devorar o fruto loiro do amor, — como é que lhe paga?

Ou os seios das mulheres bonitas de Atenas também são bens da comunidade?

PRAXÁGORA — É claro que sim.

BLÉPYRO — E' claro que sim?

PRAXAGÓRA — No meu plano de govêrno, a mulher será comum e terá filhos de quem muito bem quiser.

BLÉPYRO — Se as mulheres forem de todos, ninguém quer senão as mais bonitas.

PRAXÁGORA — Só lhe chegará a vez das bonitas, depois de terem amado as velhas e as feias. As octogenárias pintarão as faces, vestirão o seu *peplos* amarelo, — e serão o preço porque se hão de obter as môças e as virgens.

BLÉPYRO — Isso é uma lei feita por mulheres velhas.

PRAXÁGORA — Que há de aproveitar aos homens velhos.

BLÉPYRO — Em quê?

PRAXÁGORA — As mulheres bonitas nunca mais se farão rogadas.

BLÉPYRO — Mas hão de preferir os rapazes novos aos velhos decrépitos e disformes. Lysícrato, com os seus anéis e a sua pele ungida de óleo, cantará de contente.

PRAXÁGORA — Enganas-te. É essa, precisamente, a parte mais grandiosa do meu plano governamental. Nenhuma mulher môça e bela

poderá amar um homem belo e moço, sem primeiro ter cedido ao amor de um velho disforme. Dyónisos coroará de rosas a decrepitude de Atenas, e Sócrates horrendo beijará as mais lindas bôcas.

Blépyro — E como havemos nós de reconhecer os nossos filhos, se as mulheres são de tôda a gente?

Praxágora — E que vantagem há em que os pais os reconheçam? A conveniência dos pais é, precisamente, o desconhecimento dos filhos. Nunca mais um braço novo se erguerá para bater num homem velho, com receio de ofender o próprio pai.

Blépyro — E se eu for condenado por dívidas, com que dinheiro as pago eu? Hei de ir pedi-lo ao tesouro público?

Praxágora — Com o govêrno das mulheres não haverá tribunais, nem processos, nem heliastas, nem justiça, — e, sobretudo, não haverá dívidas, porque não haverá dinheiro.

Blpéyro — E se eu levantar o meu báculo para bater em alguém?

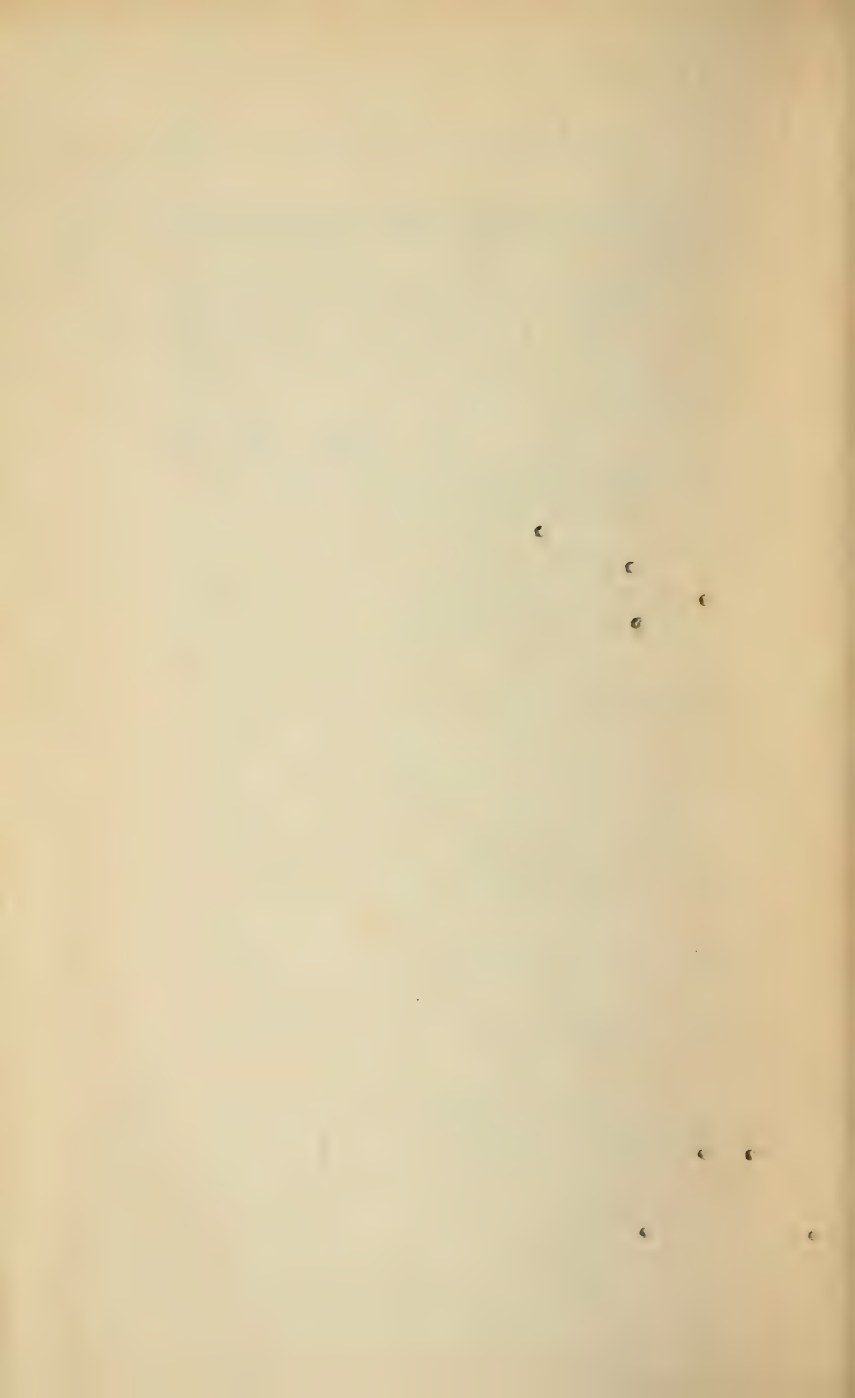
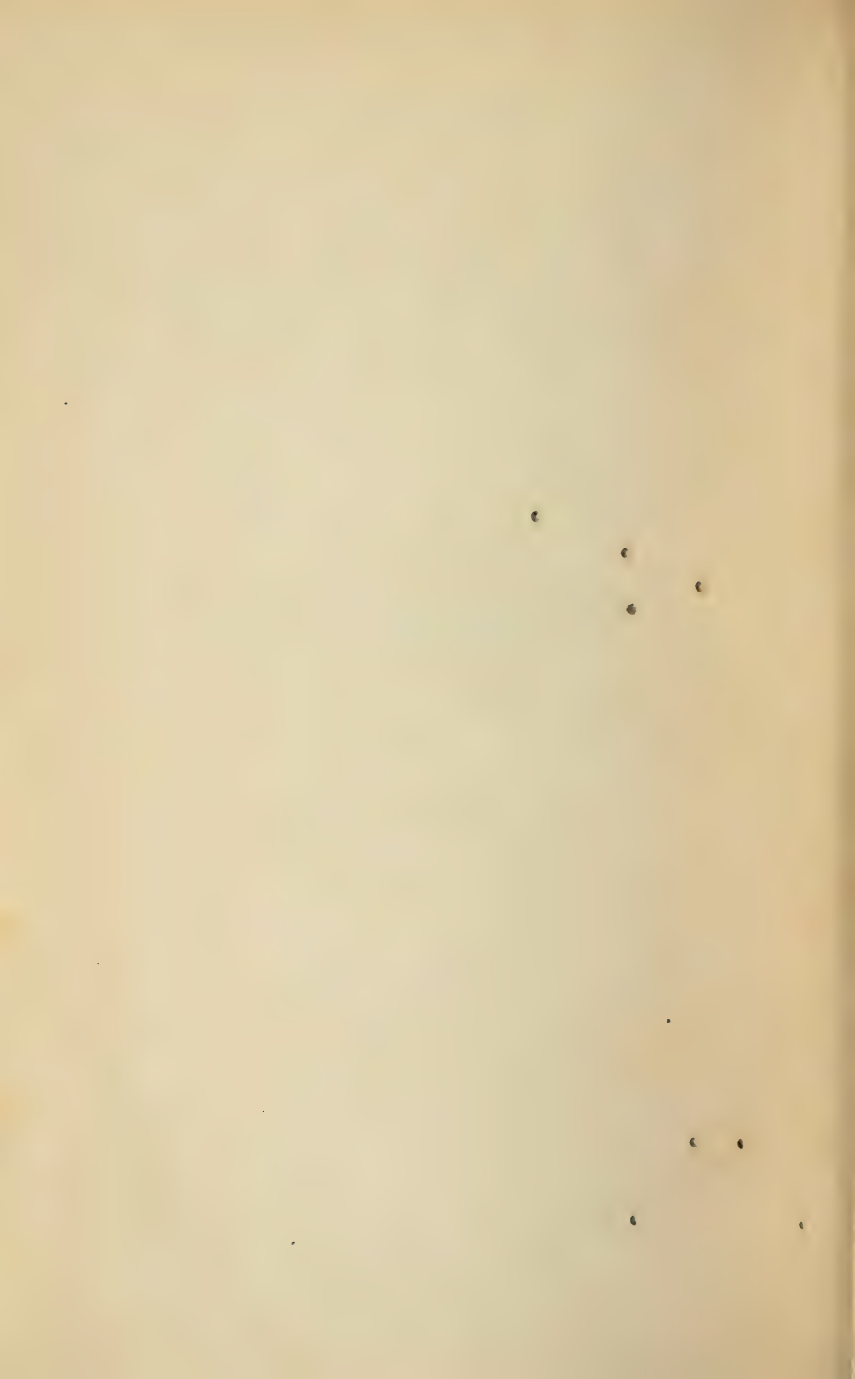
Praxágora — Privo-te de alimento nesse dia.

Blépyro — E os ladrões?

Praxágora — Para que hão de êles roubar, se a riqueza é de todos?

BLÉPYRO — Não há dúvida: é um plano excelente!

PRAXÁGORA — Vem comigo. Vou promulgar a primeira lei do meu govêrno. Entregaram-me nas mãos a sorte da república, — hei de salvar Atenas!

BLÉPYRO — Pois irei. Ao menos, quero que digam, quando me virem passar na rua: ali vai o marido da senhora governadora!

OS TRÊS GALOS

OS TRÊS GALOS

Uma sala Império, na Lisboa de 1816: tremós, canapés, marquesas, tamboretes de acajú e bronze doirado; talhas da Índia. A CONDESSA *viúva, trinta e oito anos, penteada à Tito, vestindo um opulento lito de damasco roxo, está assentada num pequeno canapé; em volta dela, em tamboretes e cadeiras,* MONSENHOR, *gordo cónego-vermelho da Patriarcal, confessor e director espiritual da* CONDESSA; *o* MARQUÊS, *velho do antigo regime, embalsamado, pragmático, solene, ainda com o seu rabicho e os seus sapatos de fivelas de prata; o* GENERAL, *risonho, um pouco jacobino, sessenta anos, "verte-vieillesse", ferido em Wagram, calças compridas à moda de França, a fita da Legião de Honra na casaca. Três horas. O silêncio grave das grandes ocasiões.*

CONDESSA — Perdôem, por quem são, tê-los molestado a vir aqui a esta hora.

MARQUÊS — Estamos aos seus pés, minha senhora Condessa.

MONSENHOR — Ouvi dizer que se trata da pequena.

General – Da pequena?

Condessa — Da sua afilhada, sim, General. Bem sabe, e Monsenhor também, e o Marquês, meu antigo tutor, que, desde que fiquei viúva, em nenhuma hora grave da minha vida deixei de os consultar e de os ouvir. Hoje, preciso mais do que nunca da sua amizade, do seu conselho, da sua paciência. Trata-se da felicidade duma criança... (*Desdobrando um papel*). Recebi ontem esta carta, em que me é anunciada uma visita de consideração para hoje às quatro horas. Veem fazer-me um pedido. Tenho de dar uma resposta.

General — Conforme.

Marquês — Há pedidos a que não se responde.

Condessa — Mas há outros a que é um dever de honra responder. — Veem solicitar-me a mão de minha filha.

General — Da pequenita?

Monsenhor — Ora, ora, ora!

Marquês — Queira ter a bondade de repetir, minha senhora Condessa, que me parece que ouvi mal.

Condessa — Não ouviu, não, Marquês. Veem, daqui a pouco, pedir-me minha filha em casamento.

Monsenhor, *batendo na caixa do rapé* — Mas

isso tem lá pés nem cabeça! A pequena está lá em idade de se casar!

MARQUÊS — Uma menina que ainda agora deixou o leite das amas!

CONDESSA — Já tem dezoito anos, Marquês.

GENERAL — Dezoito anos! E que é isso, minha querida Condessa? Que são dezoito anos?

MARQUÊS — Ainda traz cueiros.

CONDESSA — Aos dezoitos anos já eu era mãe dela, General.

MONSENHOR — Isso foi noutro tempo. As mulheres teem mudado muito de dezoito anos a esta parte.

CONDESSA — Teem envelhecido, Monsenhor.

MONSENHOR — Eu voto contra o casamento da menina. Entendo que a senhora Condessa deve dizer que não. A menina ainda não está em idade de mudar de estado.

GENERAL — O que é preciso, primeiro, é saber quem pede a mão da minha afilhada. Sem isso, parece-me que não se deve tomar resolução alguma.

MARQUÊS — Também vou para aí. Sem conhecer o pretendente, não dou despacho à pretenção. — É fidalgo, está entendido?

CONDESSA — Parece que sim. Tenho ouvido falar dêle, mas não o conheço. (*Dando-lhe a carta*) Veja, Marquês.

GENERAL — Como se chama?

CONDESSA, *emquanto o* MARQUÊS *põe os óculos* — D. Miguel de Malafaia. Pede a mão da minha filha para um filho dêle.

MONSENHOR — O Malafaia que pica toiros? Então a carta é do Malafaia que pica toiros?

GENERAL — É D. Miguel que assina a carta?

MARQUÊS, *passando-lha* — Veja, General. — Minha senhora Condessa, de modo nenhum. Não é homem que deva entrar na sua casa, quanto mais na sua família! Tremiam os ossos de todos os Paços de Gondim. — Rejeite, rejeite.

GENERAL — Sim, não há outra coisa a fazer, minha querida Condessa. Uma recusa polida, mas formal. (*Entregando a carta a* MONSENHOR) D. Miguel de Malafaia é um dêstes indivíduos comprometedores, que as famílias que prezam a sua honra devem afastar cuidadosamente.

MONSENHOR — O homem tem boa letra. Isto seria escrito pela mão dêle?

CONDESSA — Mas o General conhece-o?

MONSENHOR — Quem é que não conhece o Malafaia que pica toiros?

GENERAL — É um rapaz do meu tempo.

MARQUÊS — Um rapaz do nosso tempo.

GENERAL — Mais novo talvez do que nós, cincoenta anos, bela figura, marialvote, valentão, rebenta-cabrestos. Foi rico, mas arruí-

nou o morgado com dançarinas e cavalos. Hoje, não tem onde cair morto.

MONSENHOR — Não tem nada. Nem um rosário de peros secos. Duma cómica francesa sei eu, que lhe comeu uma morada de casas ao Pote das Almas.

MARQUÊS — E depois, minha senhora Condessa, é um homem sem consciência e sem escrúpulos católicos, que desgraçou em Vizeu umas poucas de meninas de boas famílias, — uma da Casa da Trofa, que se matou por êle, outra da Casa da Prebenda, que se meteu monja em Vairão. Eu conheço-lhe a crónica. Um estoura-vêrgas. Um libertino. — Dê-lhe de mão, dê-lhe de mão.

CONDESSA — Dizem-me tanto mal dêle, que eu já estou com imensa vontade de o conhecer.

GENERAL — Eu, por mim, já lavrei o meu despacho. Indeferido.

MONSENHOR — Eu também já lavrei o meu. *Non possumus.* Isto não é casa em que se piquem toiros!

MARQUÊS — Eu permito-me ir mais longe, minha senhora Condessa. Com semelhante homem das portas a dentro, não volto mais a visitá-la.

MONSENHOR — Nem eu.

GENERAL — Também me havia de custar

muito a voltar aqui. Eu não gosto de intrusos.

MONSENHOR — Vinha estragar-nos o gamão.

MARQUÊS — Que havia de ser dos nossos serões, com o Malafaia aí!

CONDESSA — E êle é, realmente, fidalgo?

GENERAL — Sim, fidalgo é. Os Malafaias são muito parentes dos senhores de Vagos.

MARQUÊS — E dos Almeidas, e dos Condes de Abrantes. Nós ainda devemos ser primos. Mas andam ali muitas bastardias.

MONSENHOR — E muitos coitos danados.

MARQUÊS — Não é enxêrto que honre os Paços de Gondim.

CONDESSA, *distraída* — É pena. Ouvi dizer que era um grande cavaleiro, o senhor D. Miguel de Malafaia...

GENERAL — Um cigano. Sufoca cavalos entre os joelhos, e amansa num dia potros de Alter. Mas a minha querida Condessa não precisa, por agora, de moços de estrebaria.

MONSENHOR — Não, senhora Condessa. (*Restituindo-lhe a carta*) O homem tem boa letra, mas não serve.

CONDESSA — Reparem que não sou eu que me caso, é a minha filha.

GENERAL — Por ser a minha afilhada é que eu me oponho.

MARQUÊS — Ninguém sabe como eu quero

àquela menina. Vi-a nascer, minha senhora Condessa!

MONSENHOR — E eu baptisei-a. A bem dizer, os seus verdadeiros pais somos nós.

CONDESSA, *rindo* — Monsenhor tem uma maneira de dizer as coisas...

MONSENHOR — Pais espirituais, entende-se. Por isso eu não quero cá o homem, que nem baptisou a pequena, nem é padrinho dela, nem foi tutor da senhora sua mãe. Pronto. *Non possumus.* O dito, dito.

MARQUÊS — É assim mesmo.

GENERAL — Monsenhor tem razão.

CONDESSA — Há tantos anos, General, é a primeira vez que os vejo de acôrdo!

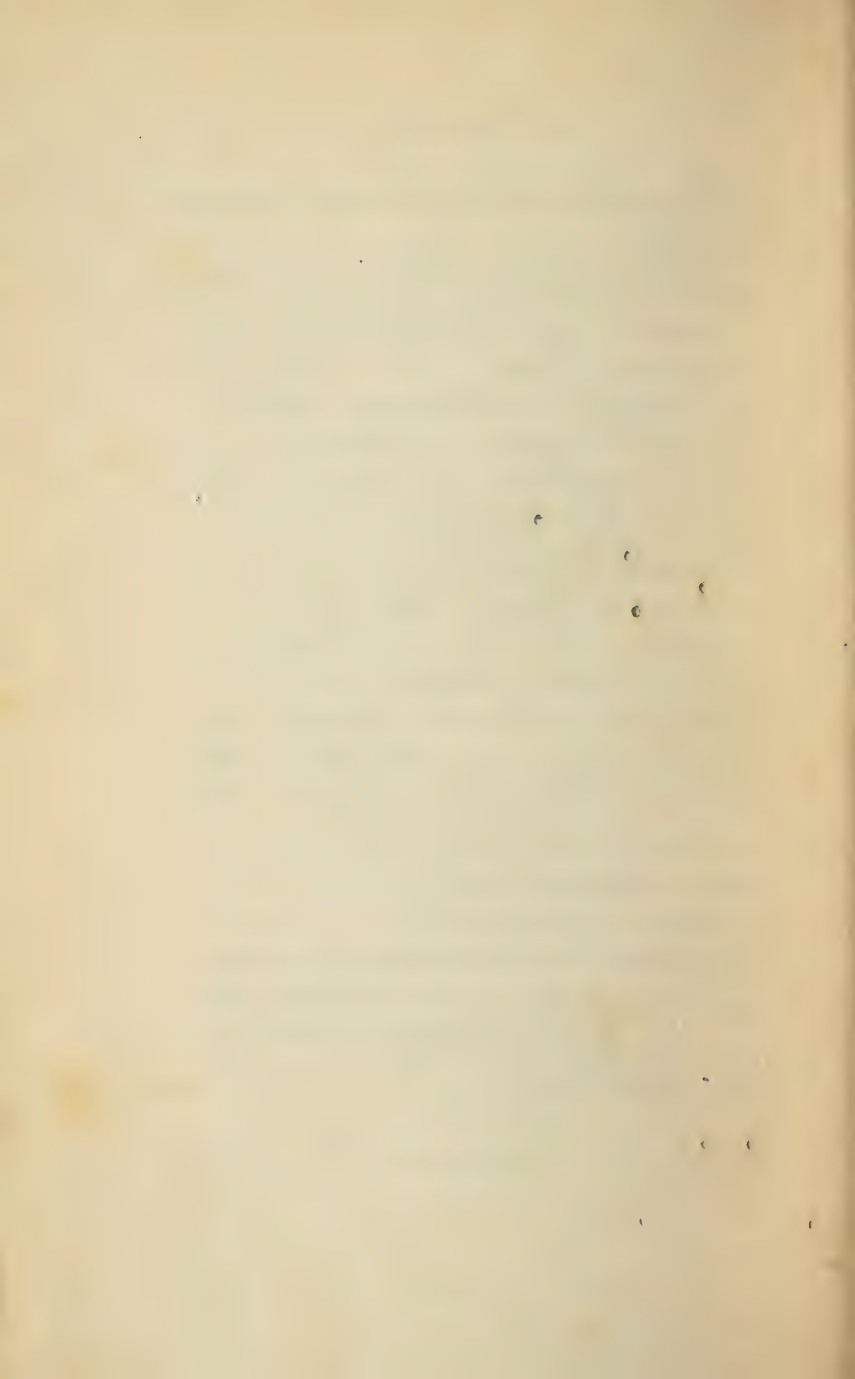
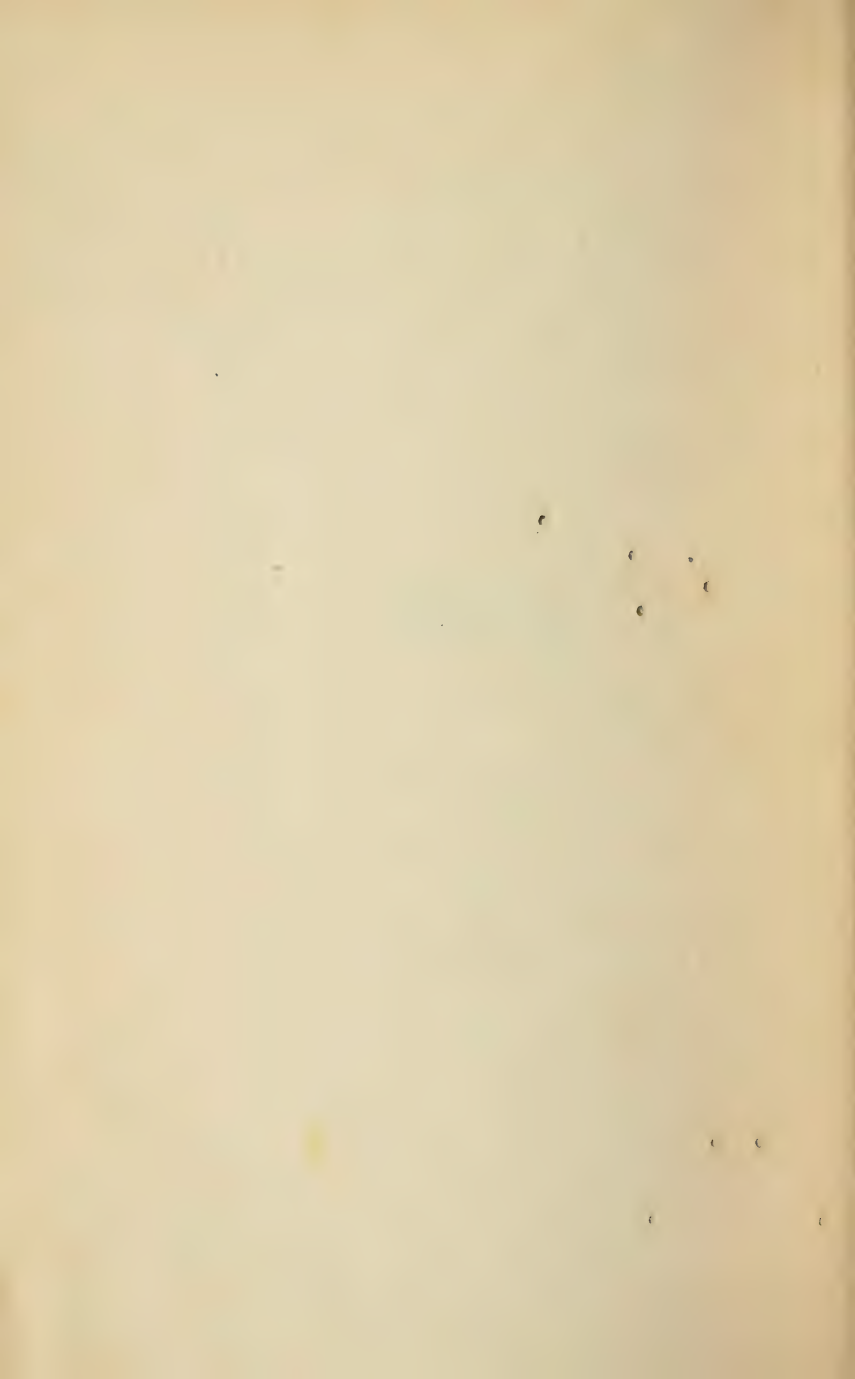
MONSENHOR — A senhora Condessa, mal comparado, nunca viu entrar um galo novo numa capoeira? Os outros juntam-se, e desatam à bicada a êle. Ora aí está.

UM CRIADO, *anunciando* — Sua Ex.ª o senhor D. Miguel de Malafaia.

GENERAL — Chegou o galo!

MARQUÊS — A senhora Condessa recebe-o?

CONDESSA, *sorrindo* — Noutra capoeira, Marquês. (*Ao* CRIADO) Mande entrar Sua Ex.ª para a sala nobre.

OS TRÊS, *em côro* — Oh!

AMANTES

AMANTES

Um quarto de vestir, Luís XVI. Lâmpadas eléctricas no tecto e aos lados dos espelhos. Uma hora da madrugada. JORGE, *"un monsieur qui travaille dans les femmes du monde", trinta e cinco anos, distinto, um pouco grisalho, casaca irrepreensível, brinca vagamente com as luvas, assentado no sofá. Ao pé dêle,* LUÍSA, *que se levantou da cama para o receber, embrulhada num kimono "vieil or", os braços nus, os pés nus em chinelas de sêda.*

LUÍSA — Esteve-se bem, em casa do ministro de França?

JORGE — Esteve. — Baixa um pouco a luz.

LUÍSA — Porquê?

JORGE — Fere-me os olhos. (LUÍSA *apaga as lâmpadas de um dos espelhos)* Obrigado.

LUÍSA — Que tens tu?

JORGE — Nada. — Posso fumar?

LUÍSA — Podes.

JORGE — Porque me olhas tanto?

LUÍSA — Estranho-te. Tiveste alguma coisa que te aborrecesse?

Jorge — Não. Fadiga. Muito em que pensar.

Luísa — Em tudo, menos em mim.

Jorge — Enganas-te. Pensei hoje tôda a noite em ti.

Luísa — Juras-me?

Jorge — Juro.

Luísa — És bom.

Jorge — Não. Não sou. Não há nenhum homem bom. — Para que queres tu tanta luz?

Luísa, *apagando todas as lâmpadas menos a do tecto* — Tens sono? (*Rodeando-o de almofadas*) Encosta um pouco a cabeça.

Jorge — Não. Quero conversar contigo.

Luísa — Dá-me um beijo.

Jorge — Sabes? Preciso de modificar profundamente os meus hábitos.

Luísa — Tu?

Jorge — De descomplicar a minha vida.

Luísa — Parece-me que não sou eu que ta complico.

Jorge — Não és tu. Não é ninguém. É tôda a gente.

Luísa — Eu não sou tôda a gente, para ti.

Jorge — És uma criatura encantadora, a quem devo alguns dos melhores momentos da minha existência.

Luísa — Só?

Jorge — Não o esquecerei nunca.

Luísa — Obrigada.

Jorge — Haja o que houver entre nós.

Luísa — Haja o que houver entre nós? Que queres tu dizer?

Jorge — Precisamos de conversar sèriamente, Luísa.

Luísa — Porque desvias os olhos de mim?

Jorge — Lembras-te da primeira noite que passámos no Estoril, há um ano?

Luísa — Lembro.

Jorge — No *Estrade?*

Luísa — Sim.

Jorge — Recordas-te do que me pediste, sentada no *hall,* com as tuas mãos nas minhas?

Luísa — Tenho-te pedido tão poucas coisas!

Jorge — Que fôsse sempre sincero contigo, que nunca te mentisse, que tu terias sempre coragem para ouvir de mim tôda a verdade.

Luísa — E então?

Jorge — Chegou a hora de eu te dizer lealmente o que sinto.

Luísa — Não mo tens dito até aqui?

Jorge — Dá-me as tuas mãos. Repousa a tua cabeça no meu peito. Sabes que me custa muito fazer chorar uma mulher?

Luísa — Tu nunca me fizeste chorar.

Jorge — Mas prefiro dizer-te a verdade.

ainda que essa verdade seja cruel, ao suplício de ter de mentir-te a tôda a hora.

Luísa — As tuas mãos tremem. Que tens tu?

Jorge — Perdôa se te faço mal, meu amor. — Eu já te não amo.

Luísa — Jorge!

Jorge — Estou saciado de ti. Não chores, minha pobre filha, e ouve-me. É preciso que tu me dês coragem para eu poder ser inteiramente leal contigo.

Luísa — Eu já o pressentia!

Jorge — Amei-te quanto se pode amar uma mulher. Tive-te no sangue e na alma. Houve momentos nas nossas relações, em que tu exerceste sôbre mim o mais completo domínio físico e moral. Foste a minha embriaguez. Mas essa embriaguez deliciosa passou — tudo passa no mundo — e hoje a tua intimidade já me não perturba, os teus beijos deixam-me indiferente, e quanto mais te tenho nos braços, como agora, mais claramente sinto que tudo entre nós acabou.

Luísa — A maldade, a crueldade com que tu me dizes isso!

Jorge — Pois tu não vês que te acaricio, que encho de ternura as minhas palavras, que te peço perdão de te fazer sofrer? A vida é assim; devemos aceitá-la como ela é. Que culpa tive eu de te amar? Que culpa tenho

eu de deixar de amar-te? A mesma fôrça desconhecida, que me impeliu para ti, afasta-me de ti, agora. Que hei de eu fazer? Hei de revoltar-me contra o destino, porque não fêz o amor eterno? Querer que alguém ame tôda a vida, é tão impossível como querer que a primavera dure todo o ano. Houve entre nós um sentimento que morreu? Resignemo-nos, minha filha, — e cubramos a sua cova de flores. Para que havemos nós de nos separar com ódio e com mentira, — se podemos deixar-nos com doçura e com gratidão?

LUÍSA — Mas eu não quero que tu me deixes, Jorge! Eu não posso viver sem ti!

JORGE — Viveremos juntos, emquanto tu quiseres.

LUÍSA — Juras-me que não me abandonas?

JORGE — Mas viveremos sem que eu tenha de mentir-te, como duas criaturas que não se amam e que lealmente se explicaram.

LUÍSA — Mas eu adoro-te, Jorge! Eu morro, se tu me deixas!

JORGE — É assim sempre. As mulheres só começam a adorar-nos quando nós deixamos de as amar.

LUÍSA — Sê bom, sê caridoso para mim!

JORGE — Não vês a ternura com que eu te beijo?

LUÍSA — Beijas-me para me matar melhor...

Jorge — Não sentes a pena que eu tenho de ti?

Luísa — Para me assassinar com mais crueldade ainda!

Jorge — Não percebes que eu sofro também?

Luísa — Antes me mentisses, antes me enganasses tôda a vida!

Jorge — Era uma tortura maior para nós ambos.

Luísa — Egoísta!

Jorge, *acariciando-a* — Minha pobre amiga!

Luísa -- Hipócrita!

Jorge, *enlaçando-a, num beijo* — Meu pobre amor!

FIM DE RAÇA

FIM DE RAÇA

*Sala de estar, no antigo palácio dos Condes de * * * há trinta anos. Paredes armadas de gorgorão verde. Tecto de caixotões. Retratos pintados do século* XVIII. *Muitas faianças, muitas pratas. Mobília portuguesa antiga, de madeira do Brasil. Junto dum fogão de sala, acêso, duas poltronas modernas. Luzes. Confôrto. A um canto, um reposteiro armoriado; no segundo e terceiro quartéis, a cruz aberta e florida dos Pereiras; no primeiro e quarto, as armas dos Sousas de Arronches. Oito horas da noite.*

O MARQUÊS *de * * * entra pelo braço de um* CRIADO *da casa. É o tipo do velho fidalgo português caído na miséria. Setenta e tantos anos. A cabeça, a barba, lembram certos apóstolos do Greco. Umas botas rôtas, um fato preto coçado, uma fisionomia inquietante. Adivinham-se ainda, na sua decrepitude, traços de nobreza e de raça.*

MARQUÊS — Obrigado, Pedro.

CRIADO — O senhor Marquês manda mais alguma coisa?

MARQUÊS — Tinham-te dado ordem para não me deixares entrar, não é verdade?

CRIADO — Não esqueço o respeito que devo a V. Ex.ª, senhor Marquês.

MARQUÊS — Meu velho Pedro, Deus te pague. (*A uma* CRIADA, *que entra*) A senhora? (*Silêncio da* CRIADA) Está no seu quarto?

A CRIADA, *depois de um instante de hesitação* — Sim, senhor Marquês.

MARQUÊS — Diga-lhe que sou eu.

A CRIADA — A senhora Condessa está a vestir-se.

MARQUÊS — Eu espero-a aqui.

A CRIADA — Mas, senhor Marquês, a senhora deu ordem...

MARQUÊS — Bem sei. Diga-lhe que é o pai, que lhe quer falar.

A CRIADA, *hesitante, saindo* — Sim, senhor Marquês.

MARQUÊS — Pedro, tenho frio. Dá-me um cálice de *cognac*.

O velho MARQUÊS *fica sòzinho. Senta-se timidamente numa cadeira, rolando o chapéu nas mãos trémulas. Espera. Momentos depois entra a* CONDESSA, *trinta e três anos, beleza aquilina, dura, enérgica. Veste de tarlatana côr-de-rosa, à moda do tempo, "tournure", cauda, grandes luvas brancas de canhão, o peito cheio de jóias.*

CONDESSA — O papá é duma imprudência e duma falta de senso que chegam a revoltar!

MARQUÊS, *levantando-se, olhando a filha numa admiração respeitosa* — Como tu estás bonita!

CONDESSA — Não sabe que meu marido não quer que o papá entre aqui?

MARQUÊS — Os pequenos, como estão?

CONDESSA — Antes me mandasse dizer, que eu ia ter consigo a qualquer parte. Era mais simples. Assim, sujeita-me a ter todos os dias uma scena por sua causa. Há de confessar que é desagradável. (*Abotoando nervosamente as luvas*) E depois, isto não são horas de procurar ninguém. Sabe que eu vou para S. Carlos.

MARQUÊS — Esperei que o teu marido saísse. Já tinha saüdades tuas.

CONDESSA — É preciso que o papá se convença. Eu não o posso receber na minha casa.

MARQUÊS — Porquê?

CONDESSA — Porque o meu marido não quer.

MARQUÊS — E porque é que o teu marido não quer que tu me recebas?

CONDESSA — O papá bem sabe.

MARQUÊS — Não sei.

CONDESSA — Pela mesma razão porque todas as famílias nossas conhecidas lhe fecham as suas portas.

MARQUÊS — Mas tu és minha filha.

CONDESSA — Infelizmente, sou.

MARQUÊS — Devias ter para com teu pai mais respeito e mais caridade do que os outros.

CONDESSA — Oh, papá, pelo amor de Deus poupe-me a explicações que me são dolorosas. Já lhe disse. Não volte. Não me obrigue a dar ordens terminantes para o não deixarem entrar.

MARQUÊS — Tens vergonha de mim?

CONDESSA, *à* CRIADA, *que entra com a capa e a deixa sôbre um sofá* — Mande pôr a carruagem, depressa.

MARQUÊS — Tens vergonha de ser minha filha? Pois eu nunca pensei se devia ou não ter vergonha de ser teu pai.

CONDESSA — Papá!

MARQUÊS — Apesar de tudo, quero-te muito, porque me lembro de quando tu eras pequenina. Ainda que te visse na última miséria, não te repudiava como tu me repudias a mim.

CONDESSA — O papá bem sabe que lhe faço todo o bem que posso.

MARQUÊS — Sim, às vezes dás-me esmola. Obrigado. Mas finges que me não vês quando passas por mim na rua.

CONDESSA — Porque o papá faz-se acompanhar de gente que eu não posso conhecer.

Marquês — São os únicos amigos que me ficaram.

Condessa — Mas não são relações que convenham a uma senhora.

Marquês — E quando eu vou sòzinho?

Condessa — Não o vejo.

Marquês — Voltas-me a cara. Pois olha. Se ainda hoje és alguma coisa de grande, é porque és minha filha.

Condessa — Foi para me dizer isso que o papá cá veio?

Marquês — Foi para te ver. Tinha saüdades tuas.

Condessa — É melhor ser franco. Veio porque não tinha dinheiro.

Marquês — Já há muito tempo que eu não tenho dinheiro.

Condessa — Porque arruinou a sua fortuna.

Marquês — Sabes como eu principiei a arruiná-la?

Condessa — A jogar e a beber.

Marquês — A comprar jóias para ti.

Condessa — Porque não muda o papá de vida? Porque não deixa essa existência de vagabundo, que não é própria nem da sua idade, nem da sua fidalguia, nem da sua educação? Os velhos corrigem-se, como as crianças.

MARQUÊS — Queres bater-me, aos setenta e seis anos?

CONDESSA — Tenho, pelo menos, o direito de o aconselhar.

MARQUÊS — Não é de conselhos que eu preciso, minha filha. É de amparo. Sabes o que me dizia o teu avô? Que eu era o primeiro fidalgo, depois de príncipes e de infantes, que se tinha criado em berço de prata. Cheguei quási aos oitenta anos, e ainda não sei onde hei de ir dormir esta noite.

CONDESSA — Que quer o papá que lhe faça?

MARQUÊS — Nada, se o teu coração nada te diz.

CONDESSA — Não tem um quarto alugado?

MARQUÊS — Puseram-me fora.

CONDESSA — Que fêz o papá ao último dinheiro que lhe dei?

MARQUÊS — Vivi.

CONDESSA — E então, agora, que quer?

MARQUÊS — Que me deixes ficar esta noite na tua casa.

CONDESSA — O papá não sabe o que está dizendo.

MARQUÊS — Não te peço para sempre. Peço-te para esta noite só.

CONDESSA — Meu marido consentia lá que o papá aqui ficasse!

MARQUÊS — Mas êle escusa de saber.

CONDESSA — Não temos quarto de hóspedes. O papá não há de dormir nas salas.

MARQUÊS — Não me importo de ficar com os criados.

CONDESSA — É degradante o que está a dizer!

CRIADO, *entrando* — A carruagem da senhora Condessa.

CONDESSA, *ao* CRIADO — A criada, que me venha pôr a capa.

MARQUÊS, *à filha, quando o* CRIADO *sai* — Não me deixas ver os meus netinhos?

CONDESSA — Estão a dormir.

MARQUÊS — Não me deixas beijar a tua mão?

CONDESSA, *sacudindo-o* — Deixe-se de tolices, papá.

MARQUÊS — Deus queira que os teus filhos sejam melhores para ti, do que tu tens sido para mim.

CONDESSA — Educo-os melhor do que o papá me educou.

MARQUÊS — Teu marido, quando me encontra, nem leva a mão ao chapéu. Se eu tivesse menos vinte anos!

CONDESSA — É uma ameaça?

MARQUÊS — Não. Eu não ameaço ninguém. Queria que tu me fizesses uma esmola, minha filha. Queria que me deixasses, ao me-

nos meia hora, aquecer do frio ao canto do teu fogão.

CONDESSA — Quem tem a culpa não é o papá. São os criados, que o deixam entrar nesta casa. Mas isto não torna a suceder mais. Prometo-lhe que não torna a suceder mais.

MARQUÊS, *deixando-se cair sôbre a poltrona, ao pé do fogão* — Deus te pague, minha filha.

CONDESSA, *à* CRIADA, *que entra* — A capa. — É preciso que o senhor Marquês saia antes de nós virmos do teatro. Ouviu?

A CRIADA — Sim, minha senhora.

CONDESSA, *pondo a capa e saindo, precipitadamente, sem se despedir do pai* — Que inferno!

MARQUÊS, *com as lágrimas a correrem-lhe pela face* — Deus te pague...

O MARQUÊS *chora, em silêncio.* PEDRO *traz uma bandeja com o cognac e coloca-a diante do velho fidalgo. Crepita a lenha no fogão. A* CRIADA *volta, com um «plaid» que foi buscar, e abaixa um pouco a luz do candieiro. Batem as nove horas.*

CRIADO — Queira V. Ex.ª perdoar, senhor Marquês. Tem hoje nesta casa um quarto muito pobre. É o meu.

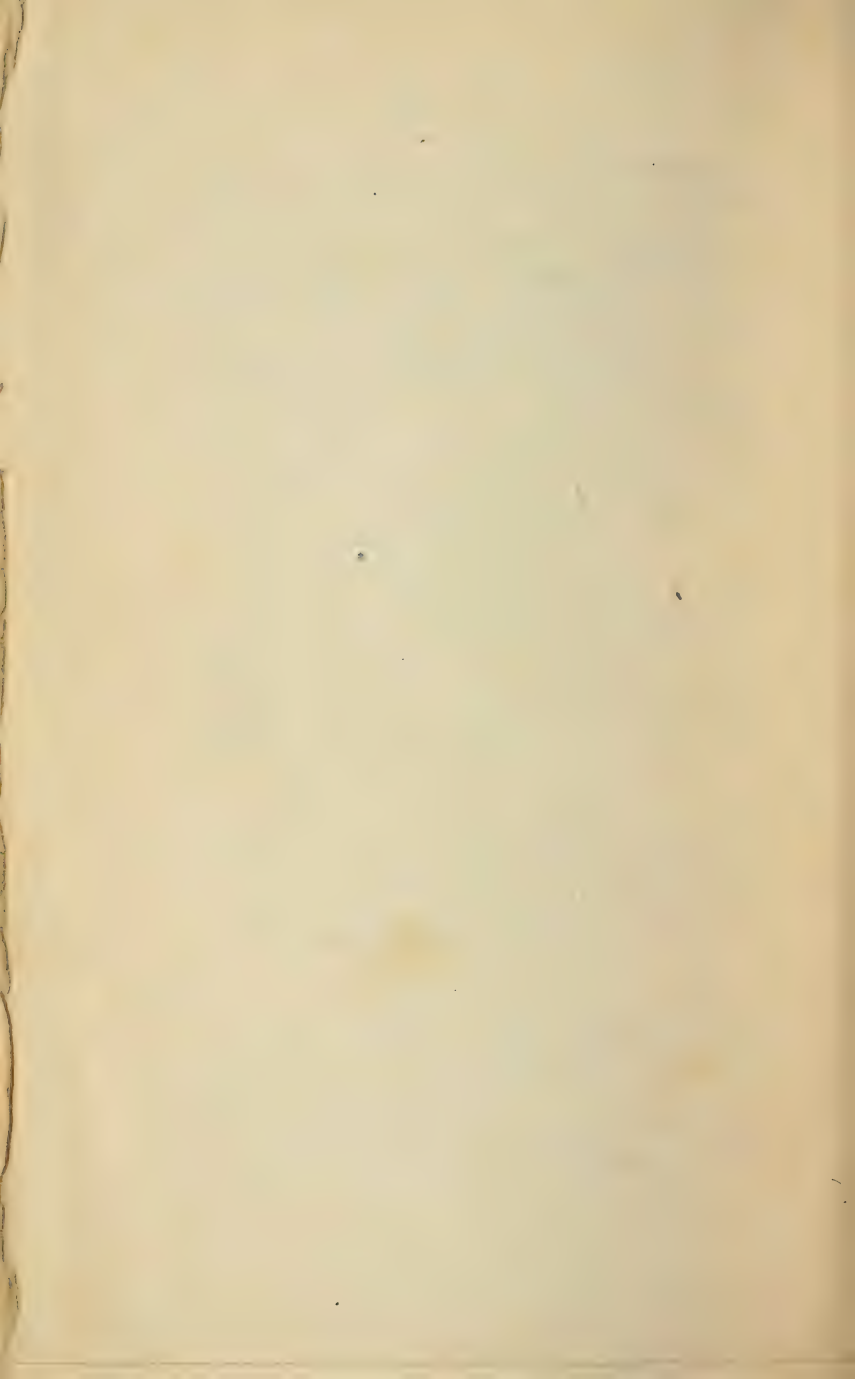
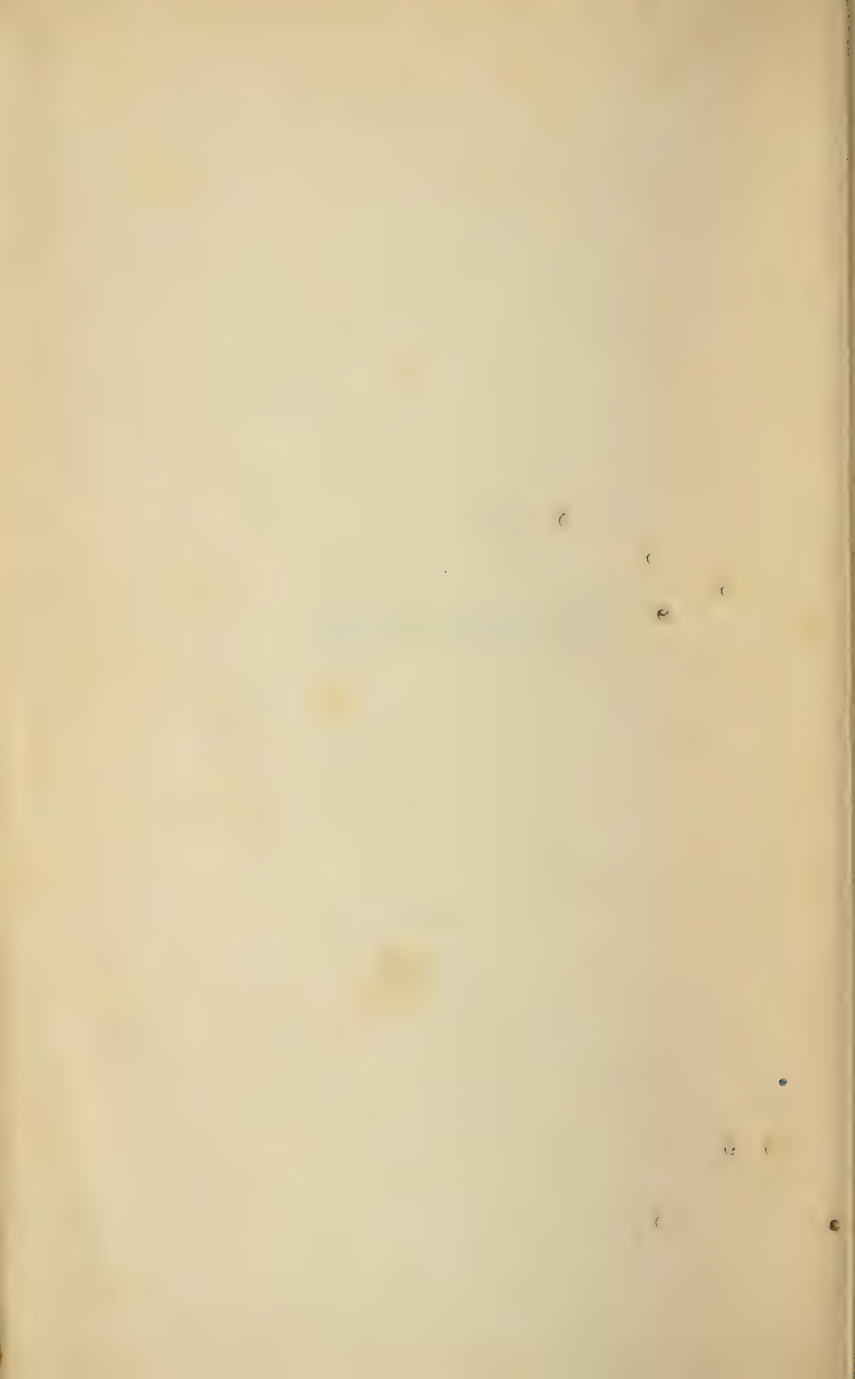
MARQUÊS — Obrigado.

CRIADO, *com a voz sufocada pela comoção*

— E uma bôlsa ainda mais pobre. É a minha.

MARQUÊS — Obrigado, meu Pedro.

A CRIADA, *cobrindo carinhosamente com o «plaid» os joelhos do velho* — Quer mais alguma coisa, senhor Marquês?

MARQUÊS, *num sorriso cheio de lágrimas* — Morrer.

OS DOIS AMORES

OS DOIS AMORES

Uma noite de luar, em Florença. Dois Amores, que se diriam descidos do "Départ pour Cythère", de Watteau, atravessam, voando, o jardim dum palácio em festa. Um dêles tem o aspecto dum adolescente, os olhos tristes, a expressão cansada : é o Amor. *O outro, gordo, pequenino, risonho, côr-de-rosa, parece um sorriso a que tivessem crescido asas : é o* Amor-bébé. *Pairam, adejam, revôam, resplandecem-lhes ao luar os remígios leves, como plumas de prata. Depois, descem sôbre o palácio, vão poisar na única janela que não tem luz, e, como dois meninos de Mémling, assentam-se no peitoril. Ouve-se música. Um perfume morno de laranjeiras palpita no ar.*

Amor-bébé — Aqui?

Amor — Aqui.

Amor-bébé — Quem mora nesta casa?

Amor — São dois noivos. Casaram-se hoje.

Amor-bébé — Que janela é esta?

Amor — É a do quarto dêles.

Amor-bébé, *espreitando* — Não vejo nada.

Amor — Ainda não estão cá.

Amor-bébé — Onde estão?

Amor — Nos salões do palácio, a receber os convidados.

Amor-bébé — Demoram-se?

Amor — Não. Os noivos nunca se demoram.

Amor-bébé — E, quando vierem, acendem a luz?

Amor — Acendem.

Amor-bébé — Como deve ser bonito ver!

Amor — E depois, apagam-na.

Amor-bébé — Ficamos aqui?

Amor — Ficamos. (*Um silêncio, em que os dois Amores esperam, abraçados*) Ouve...

Amor-bébé — Que é?

Amor — Sabes para que eu pedi à mamã Cypris que me deixasse trazer-te esta noite comigo?

Amor-bébé — Não.

Amor — Foi para te ensinar.

Amor-bébé — O quê?

Amor — O meu ofício.

Amor-bébé — Qual é o teu ofício?

Amor — Eu sou o Amor.

Amor-bébé — E que é que tu fazes?

Amor — Faço amar os homens sôbre a terra.

Amor-bébé — Só os homens?

Amor — E os rouxinois, e os sapos, e as flores. Vês, lá baixo, na sombra do jardim, aquelas duas borboletas que esvoaçam, e se pro-

curam, e brilham como dois diamantes alados?

AMOR-BÉBÉ — Vejo.

AMOR — Repara. Fui eu que os fiz beijarem-se agora.

AMOR-BÉBÉ — E as mulheres?

AMOR — As mulheres, não.

AMOR-BÉBÉ — Não fazes amar as mulheres?

AMOR — As mulheres não amam; deixam-se amar.

AMOR-BÉBÉ — Ah!

AMOR — Para eu ter poder sôbre elas, era preciso que elas tivessem coração.

AMOR-BÉBÉ — Não têm?

AMOR — Muito pequeno, e sêco como esta flor.

AMOR-BÉBÉ — Porquê?

AMOR — Deus entreteve-se tanto a formar-lhes os seios, que se esqueceu do coração.

AMOR-BÉBÉ — É pena. E há muito tempo que tu fazes amar os homens, os sapos e as borboletas?

AMOR — Há dez mil anos.

AMOR-BÉBÉ — E não estás velho ainda?

AMOR — O amor nunca envelhece.

AMOR-BÉBÉ — Mas estás cansado.

AMOR — O amor depressa se cansa.

AMOR-BÉBÉ — Mamã Cypris acha-te triste.

AMOR — Por isso todos os que amam entristeceram sôbre a terra.

AMOR-BÉBÉ — Dantes, o amor era alegre?

AMOR — Coroava-se de rosas, e chamava-se Anacreonte.

AMOR-BÉBÉ — E agora?

AMOR — Agora, chora com a sua musa, e chama-se Musset.

AMOR-BÉBÉ — E porque foi que êle entristeceu?

AMOR — Porque eu me fatiguei. É preciso que outro pequenino deus risonho venha substituir-me, e tornar de novo o amor alegre e os rosais floridos.

AMOR-BÉBÉ — E onde está êsse pequenino deus?

AMOR — És tu.

AMOR-BÉBÉ — Mas eu não sei nada do amor.

AMOR — Aprendes. Foi para isso que eu te fiz poisar na janela dêstes noivos.

AMOR-BÉBÉ — E como é que se ama?

AMOR — Beijando.

AMOR-BÉBÉ — Só?

AMOR — E depois, repelindo.

AMOR-BÉBÉ — E por fim?

AMOR — Por fim, esquecendo.

AMOR-BÉBÉ — Quanto tempo dura êsse beijo?

AMOR — Um instante.

AMOR-BÉBÉ — E êsse esquecimento?

AMOR — Tôda a vida.

AMOR-BÉBÉ — Gostava de ver amar duas crianças.

AMOR — Antes dos vinte anos não se ama ainda.

AMOR-BÉBÉ — Ou, então, dois velhos.

AMOR — Depois dos vinte anos já se não ama.

AMOR-BÉBÉ — Só se ama quando se tem vinte anos?

AMOR — O verdadeiro amor só floresce uma vez.

AMOR-BÉBÉ — Escuta. Parece que são êles.

AMOR — Ainda não.

AMOR-BÉBÉ — Demoram-se muito?

AMOR — A esta hora, já veem a beijar-se pelos corredores.

AMOR-BÉBÉ — Ela é bonita?

AMOR — São sempre bonitas as mulheres amadas.

AMOR-BÉBÉ — É loira?

AMOR — Como um faisão ao sol.

AMOR-BÉBÉ — Tem os olhos azúis?

AMOR — E uns dentes pequeninos de mentirosa.

AMOR-BÉBÉ — Vem decotada?

AMOR — Até à alma.

AMOR-BÉBÉ — E êle?

AMOR — Viste, quando passámos por Veneza, os *Reis Magos* que o Tintoretto pintou?

AMOR-BÉBÉ — Vi.

AMOR — Pois êle é assim, moreno e magnífico.

AMOR-BÉBÉ — E eu vou vê-los sorrir, e beijarem-se, e apertarem-se nos braços?

AMOR — Vais.

AMOR-BÉBÉ — Tal qual como as duas borboletas?

AMOR — Como duas borboletas muito grandes.

AMOR-BÉBÉ — Que lindo que há de ser!

AMOR — Escuta.

A janela ilumina-se.

AMOR, *olhando através das rendas da cortina* — São êles.

AMOR-BÉBÉ — Deixa-me espreitar.

AMOR — Por ora, não.

AMOR-BÉBÉ — Só um bocadinho.

AMOR — Não faças bulha.

AMOR-BÉBÉ — Eu quero ver.

AMOR, *depois dum momento* — Espreita agora.

AMOR-BÉBÉ, *espreitando e desviando os olhos, muito vermelho* — Ah! *(Tornando a espreitar*

e voltando a cara, triste) Oh! (*Encostando a cabeça, a chorar, ao ombro rosado do companheiro*) Oh!

AMOR — Que tens tu?

AMOR-BÉBÉ, *num desencantamento* — Pois é isto, o amor?

ÍNDICE